A CENA muda

Nº 9 ★ 28-2-52

Cr$ 3,00 em todo o Brasil

NESTE NÚMERO

Diário de Punta del Este
(Reportagem)



Maria Felix no Rio
(Reportagem)



Para vestir e embelezar o cinema brasileiro
(Reportagem)



Um grito de angústia
(Enrêdo)



A mulher que não pecou
(Enrêdo)



Problemas humanos
(Psicanálise)

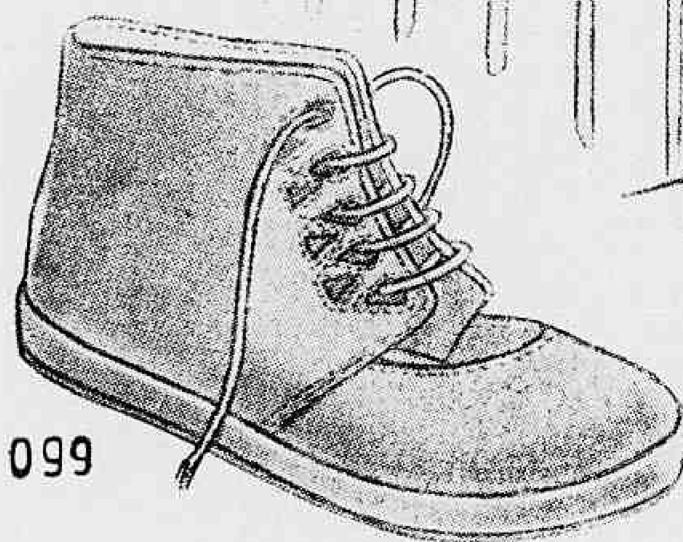


Sapatos que seus filhos adoram!

insinuante
UMA GALERIA A SUA DISPOSIÇÃO COM AGUA GELADINHA AS SUAS ORDENS.



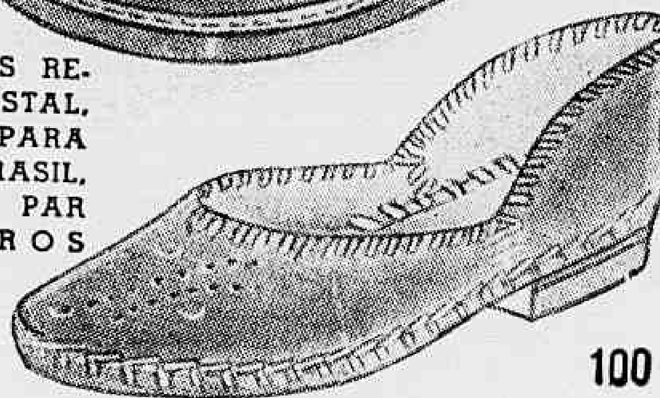
098



099



NÃO FAZEMOS REEMBÔLSO POSTAL. REMETEMOS PARA TODO O BRASIL. PORTE POR PAR 5 CRUZEIROS



100

098 — Cr$ 98,00. «Maracanã». Uma maravilha para meninos. Núm.: de 22/27

099 — Cr$ 75.00. Uma botinha que é um encanto. Núm.: de 18/24.

100 — Cr$ 100,00. «Caiçaras». Um encanto de sapato para meninas. Núm.: de 22/27.

insinuante

A SAPATARIA PREDILETA DE SEUS FILHOS E DE SEUS NETINHOS

CARIOCA, 46-48 — SETE de SETEMBRO, 199-201



PHILL REISMAN e Barbara Britton atraíram as atenções de todos quando começaram, por diversas vêzes, a executar seus «passinhos», durante a execução de um samba.

A MÚSICA BRASILEIRA NO FESTIVAL

O SAMBA E O BAIÃO DOMINARAM OS SALÕES DE BAILE. ★ OS "ASTROS" SE ENTREGARAM INTEIRAMENTE AO RITMO BRASILEIRO, COMO SE ESTIVESSEM VIVENDO NO MAIS PLENO CARNAVAL CARIOCA.

DE **LEON ELIACHAR**
(Enviado especial)

KATTY JURADO, da delegação mexicana, não é apenas especialista em mambos; o samba é também um de seus fracos. E vejam como todos param de dançar para admirá-la.



A MÚSICA BRASILEIRA NO FESTIVAL

REGINALD GARDNER e Constance Moore só compreendem o ritmo do samba assim: bem juntinhos, bem agarradinhos. Uma vez chegaram a esquecer que a música já havia parado e que o salão estava vazio... Talvez fôsse pilhéria de Mr. Gardner. Talvez não.

PUNTA DEL ESTE (por via-aérea)

CONTANDO, ninguém acredita. Só vendo. Ou, melhor, só ouvindo. Porque se executa muito mais a música popular brasileira no Uruguai — e especialmente em Punta Del Este — do que no próprio Brasil. Desde que aqui cheguei que quase não ouço outra coisa. Minha curiosidade começou em Montevidéu, quando visitei uma casa de discos e conversei com uma "vendeuse".

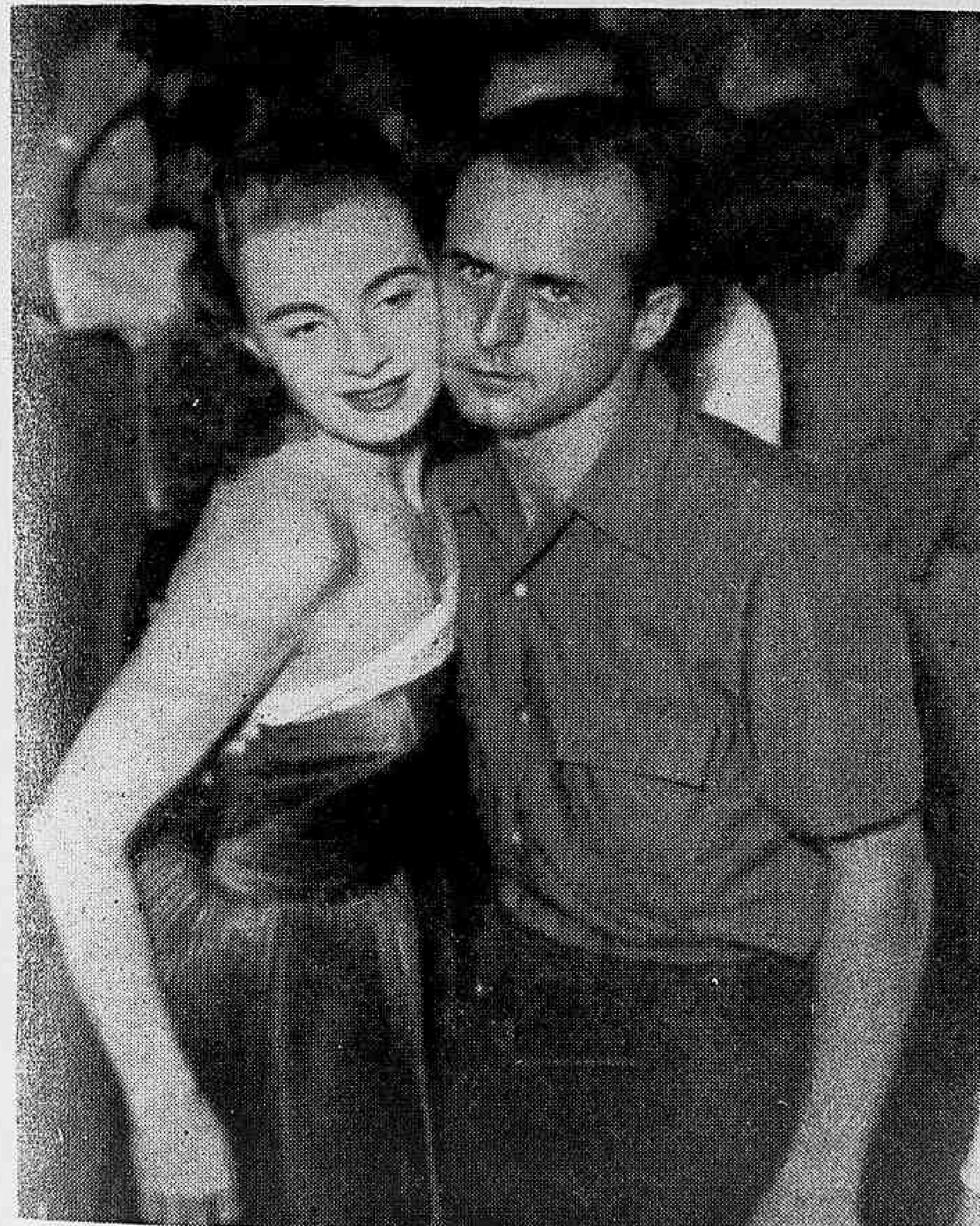
— **Nosotros apreciamos mucho la musica brasileña... Adoramos la samba!** — disse-me ela, quando me identifiquei brasileiro.

Pela lista de vendas, fiquei sabendo que nossa música popular era muito procurada e tinha muito boa aceitação. No catálogo da "Sondor", única fábrica de discos da capital, pude verificar que no mês de janeiro foram postos na cêra vários sambas e vários baiões ("Cabeça Inchada", baião; "Casinha pequenina", samba; "Chiquita Bacana", marcha; "Copacabana", samba; "Dança da Moda", baião; "Marcha do Balanceio", baião; "Maringá", baião, etc.). Dick Farney ainda é o cantor brasileiro que goza de maior prestígio no Uruguai e suas canções obtém grande êxito de venda. Mas tudo isso seria encarado apenas do ponto de vista comercial, se, já em Punta Del Este, nos salões de baile e nas "boites" "Noa-Noa", "Carroussell" e "Nogarô", as orquestras não se empenhassem em executar nossas músicas carnavalescas. "Madalena" e "Se você não me queria" eram as mais executadas e caíram imediatamente no agrado do público. Trevor Howard, Katty Jurado, Chula Prieto, Rodolfo Acosta, Barbara Britton, Donna Reed e Margareth Fahlen eram os dançarinos mais exímios e mais fanáticos pelo ritmo brasileiro. Até o senhor Phill Reisman, grande simpatizante do continente sul-americano, executou seus passinhos maliciosos, dando um verdadeiro "show" com a linda Barbara Britton. Reginald Gardner também andou de amôres com a provocante Constance Moore. Justificava-se da seguinte forma: "é um ritmo contagiante, o do samba, e não posso resistir..." Trevor Howard, impregnado de uísque até as orelhas, não deixava a pista enquanto a orquestra executava um samba; e, não raro, escorregava, chegando, certa vez, a machucar a cabeça. Ainda assim, continuou dançando, pois achava que era um crime abandonar um samba pela metade...

O interêsse dos uruguaios pela música brasileira é, como se vê, alarmante. E isso nos faz imaginar o que será, no país vizinho, o Carnaval. Segundo fui informado, a folia ali é muito animada e os festejos carnavalescos são realizados durante sete dias consecutivos — prolongando-se depois por mais um mês. Sem dúvida, que o samba e o baião terão parte preponderante nas comemorações.



O SR. **EDUARDO GUINLE** estreita Donna Reed entre os braços. A sra. Reed é, sem dúvida, uma boa Donna — pensa êle



A **SUECA MARGARETHA** Fahlen era a moça mais simpática e mais cativante, quando ouvia um samba. Tinha um jeitinho todo especial quando dançava. Como se vê.

ENTREVISTA





Conversando com Arletty

UM dos detalhes, ou melhor, o detalhe que distingue os artistas de autêntica ierarquia é a facilidade que têm para interpretar os personagens mais diversos com idêntica segurança e compenetração. Os atores e atrizes estereotipados em uma só maneira de ser, estarão sempre limitados. Poderão chegar a ser famosos em seu tipo: mas nunca passarão daí. Arletty, como Barrault, como Jouvet ou — para compará-la com alguém de seu sexo — como Madeleine Renaud, possui a universidade de que falamos em princípio. Exímia nos papéis do chamado «Teatro de Boulevard», graciosa e desenfadada, com típica modalidade francesa, é capaz, também, de encarnar personagens de notável fôrça dramática como em «Os Visitantes da Noite» e «O Boulevard do Crime», sem que se possa recordar a intérprete de Verneuil ou qualquer outro autor que nos animaremos a aquilificar de tom menor, porque, quase todo gênero tem no teatro como no cinema, e a ierarquia do mesmo depende sobretudo da maneira como se faz.

No Cantegril, Arletty era solicitada, como sempre, para conceder autógrafos, quando a vimos pela primeira vez. Atrás da benevolência de seu caráter existe um temperamento amante da claridade que não admite ambivalências. E' uma criatura inteligente e fina, sensível e equilibrada. Fugindo ao lugar comum das perguntas sôbre se «tem gostado de Punta del Este», perguntamos-lhe sua opinião sôbre o cinema contemporâneo.

Arletty respondeu:

— Prefiro falar do cinema francês, pois me repugna dar palpites sôbre o cinema estrangeiro do qual apenas conheço uma parte.

— Contudo — aparteamos — apesar de sua atividade teatral, creio que lhe sobra tempo para assistir a películas de outros países.

— Evidentemente. Fui ver a fita sueca «Enquanto a cidade dorme», justamente pela boa impressão que me deixaram outras fitas dêsse país a que assisti em França.

— E que achou?

— Muito interessante. Como muito interessante também achei as películas italianas que tive oportunidade de ver. Da Alemanha não conheço muito e gosto dos filmes inglêses, mas confesso que me agrada mais o cinema francês, pois seus temas são mais variados. O trágico, o cômico, a comédia de costumes... todos os ambientes e todos os argumentos são levados à tela com um cuidado especial. São filmes de qualidade e riqueza de diálogo e autêntica qualidade cinematográfica. Isso não quer dizer, no entanto, que eu não goste das fitas de outros países, mas dou preferências às nossas.

— E qual é seu ator preferido? — aventuramos.

Arletty já tinha a resposta na ponta da língua:

— Noel — Noel!

Falamos um pouco de teatro. Aliás, Arletty falou — demonstrando o interêsse que tem pela ribalta. E antes que os caçadores de autógrafos nos interrompessem mais uma vez, fizemos a última pergunta:

— Que pretende fazer assim que regressar à França? Tem projetos?

Arletty sorriu.

— Nunca tive projetos em minha vida. Você pode mesmo dizer que sou uma mulher sem projetos...

E deixamô-la entregue aos fãs, a êsses fãs que ela tanto presa e admira, e que retribui, igualmente, o respeito que têm todos por ela.

DIÁRIO DE PUNTA DEL ESTE - 3

FLASHES DO FESTIVAL



ADOLFO CRUZ e Leon Eliachar fazem um brinde a beleza e ao encanto de Bárbara Britton, uma das moças mais simpáticas e acessíveis do Festival

★



DONNA REED, sempre rodeada de celebridades. À esquerda o ator Reginald Gardner e à direita a jornalista francesa Françoise Giraud

★

JACQUES BECKER chegou pouco antes de terminar o Festival, para a exibição do seu filme «Edouard e Caroline». Na foto, um papo com o sr. Littman.



JOHN BARRYMORE Jr. é um grande apreciador do México. Depois de abandonar Katty Jurado passou a dedicar especial atenção a Chula Prieto.





MARINA CUNHA recebeu manifestação de grande simpatia por parte dos fãs. Era raro o momento em que não estava distribuindo autógrafos

★

EVELYN KEYS, culta inteligente, uma simpatia. Gostava de manter-se isolada da multidão, mas recebia bem os fãs. Com Georges Minter, produtor inglês

★

ANN TODD, com sua classe de sempre, foi muito bem recebida. Raro era o dia em que não recebia um ramo de flores de algum admirador





TUDO ACONTECE EM PUNTA DEL ESTE

DETALHES, APENAS...

MILTON PARNES, da Rádio Mauá, veio a Punta Del Este fazer gravações para sua emissora. Detalhe importante: não trouxe gravador. Detalhe mais importante: não fêz gravações. Detalhe superimportante: comeu, bebeu, dançou, dormiu e discutiu. Principalmente.

★

SÍLVIO TÚLIO CARDOSO, da Rádio Globo, apareceu três ou quatro dias antes de terminar o Festival. Veio por conta própria. Hospedou-se no "Plaza Hotel" e teve de recorrer à Comissão de Turismo para que pagassem sua conta de 90 pesos. Detalhe importante: perdeu 250 pesos no cassino. Detalhe mais importante: era todo seu dinheiro.

★

LUCIANA VEDOVELLI era uma menina amável, simpática, acessível. Ninguém a conhecia. Ao menos como atriz. Deu tantas entrevistas que, da noite para o dia, tornou-se importante. Detalhe: fêz amizade com Daniel Gélin. Outro detalhe: dizem que uma amizade íntima.

★

JAN HENDRICKS, ator alemão. Traços físicos: alto, forte, simpático. E' um dos galãs mais apreciados do cinema alemão. Faz sempre papel de mocinho, valentão. Um bocado homem. Detalhe: só no cinema.

★

KATTY JURADO e Chula Prieto eram boas amigas, quando chegaram a Punta Del Este. Passados alguns dias, Katty não dava o mesmo sorriso para Chula. Detalhe: a senhorita Prieto estava conquistando as simpatias.

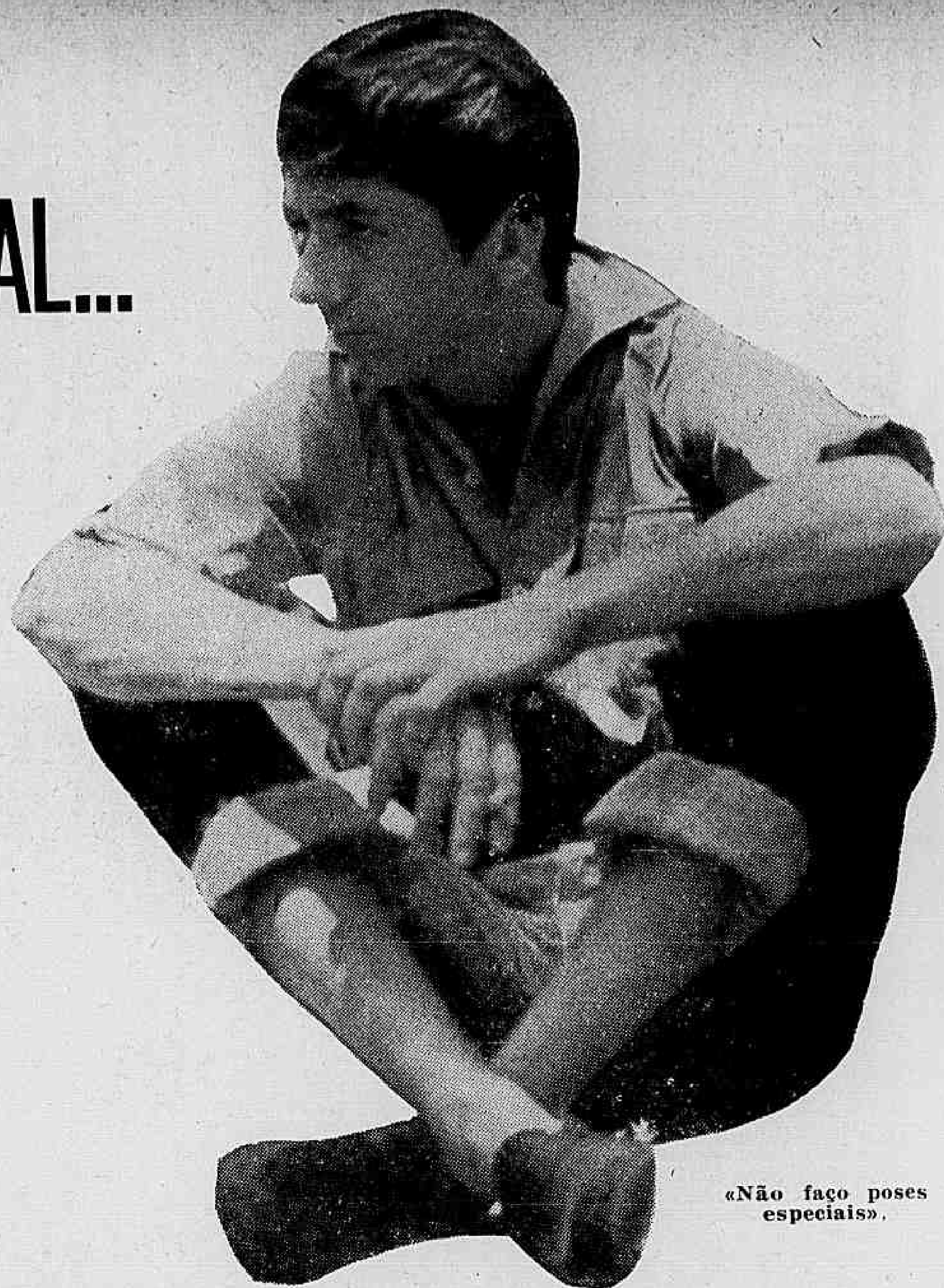
★

MARY CUMMINGS teve uma ligeira discussão com seu marido, Bob Cummings, no bangalô 3, onde estavam hospedados. Detalhe: Luciana Vedovelli.

★

OS CRÍTICOS uruguaios elegeram "Umberto "D", filme italiano, como o melhor do festival — acima mesmo de "Rascho-Mon", japonês. Detalhe: a fita japonêsa já havia sido premiada em Veneza.

GELIN, O GÊNIO DO FESTIVAL...



«Não faço poses especiais».

GRANDE ator, sem dúvida. Atestam essa afirmativa filmes como "Conflitos de Amor" e "Eterna Ilusão". Se não êstes, bastaria "Deus Necessita de Homens" para consagrá-lo. Por isso, só por isso, tive vontade de conhecê-lo pessoalmente. Pequenino, franzino, magro, Gélin me pareceu um rapaz simples, inteligente. O primeiro contato, se não chegou a confirmar essa primeira impressão, tampouco a destruiu. Gélin fêz uma conferência sôbre poesia moderna; foi relativamente bem aceita, uma vez que, êle próprio, ingressará também na literatura, com o lançamento de um livre de poesias. Mas, aos poucos, fui inteirando-me do verdadeiro temperamento de Gélin. O homem se julga gênio. Absoluto. Toma uísque como gente grande e começa a bancar o criançola. Mexe com todo mundo. Inclusive, teve um incidente com o jornalista brasileiro Jacinto de Tormes, pelo excesso de álcool. Gélin me decepcionou, daí em diante. Mantinha-se esquivo. Parecia refugiar-se nas alturas da glória, sem sequer olhar para baixo. Adquiriu — sabe-se lá por quê — êsse ar de superioridade em que sòmente os espíritos pobres mergulham. Como ator, Gélin me continua sendo simpático; como homem, foi uma decepção. A mim e a Deus. E, infelizmente, amigos, Deus não necessita de atores...



Deus necessita de homens, monsieur Gélin!

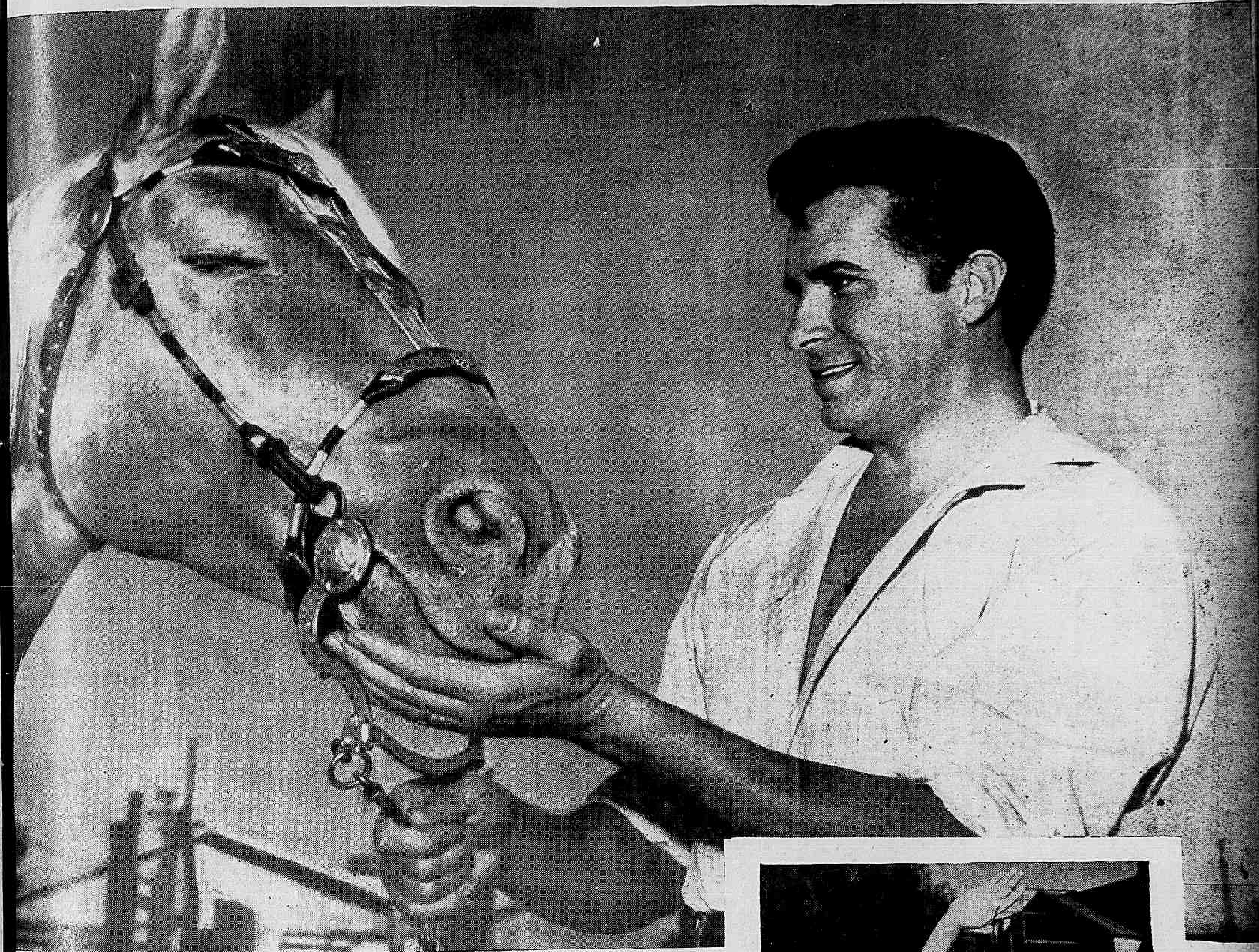


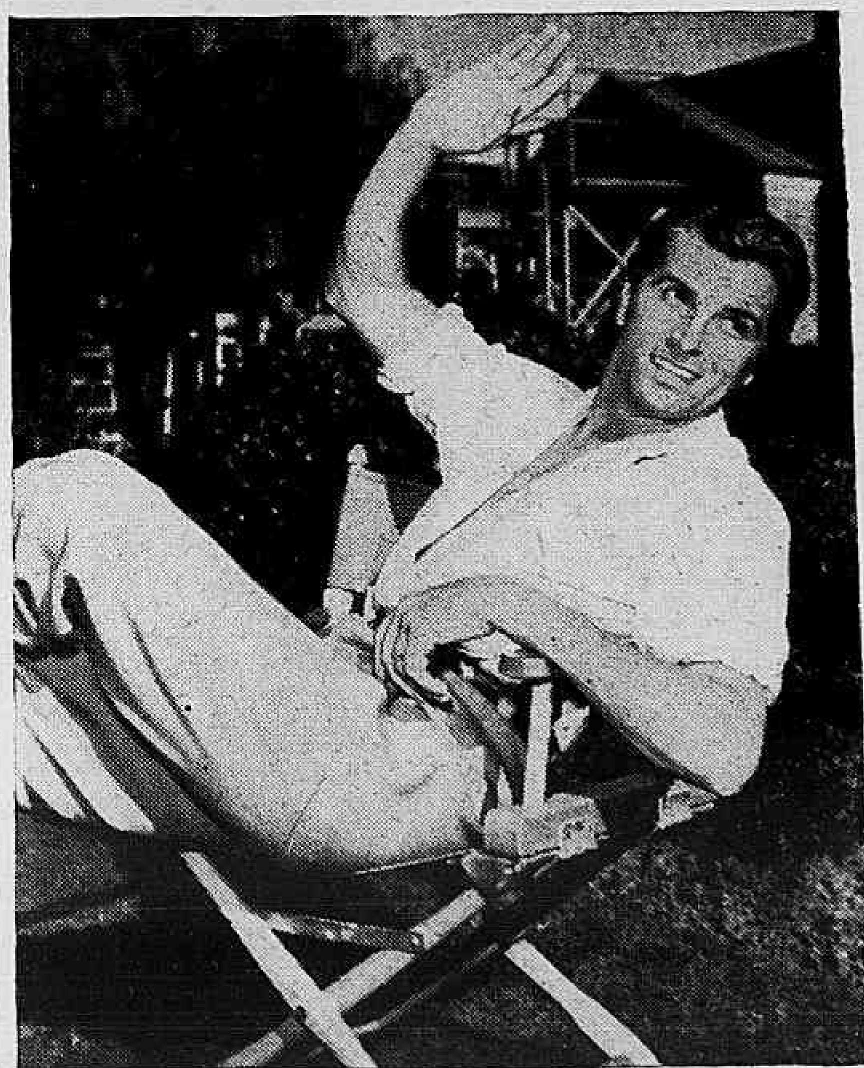
Com uma jornalista francesa, Gélin conversa amigàvelmente. Estará doente?

FINALMENTE NO PRÓXIMO NÚMERO, SERÁ SULUCIONADO

"O MISTÉRIO DA DELEGAÇÃO BRASILEIRA"

UM NOVO ASTRO-FERNANDO LAMAS





FERNANDO LAMAS, é sem dúvida um nome relativamente novo para os fãs da sétima arte .Natural da Argentina, Fernando, aos dezenove anos fêz sua primeira aparição nos palcos portenhos. Depois em 1942, enfrentou também pela primeira vez, as câmaras cinematográficas, estreando ao lado de Dolores del Rio, em "O Leque de Lady Windemere". Em 1949, quando fazia uma tournée pela América do Sul, um dos "talent-scouts" de Hollywood, convidou-o a ir à Califórnia a fim de entender-se pessoalmente com os "chefões" da M.G.M. Era a realização de um desejo que sempre tivera, o de trabalhar em um estúdio americano. Para lá seguiu Fernando, sendo logo contratado, ficando porém à disposição dos estúdios, à espera de um papel próprio a sua vibrante personalidade. Durante um ano, Fernando Lamas, nada mais fêz do que ambientar-se com a famosa Hollywood, e aperfeiçoar o mais possivel o seu inglês. No entanto, foram, segundo suas proprias palavras os piores meses de sua carreira artistica, pois vivia sempre na expectativa, à espera do papel que serviria para o seu "debut" cinematográfico, na América. Foi então incluido no "cast" de "A mulher e a lei", onde êle teve a chance de contracenar com a formosa Greer Garson. Depois veio o tecnicolor "Rich, Young and Prietty", desta vez cantando ao lado de Jane Powell, logo em seguida foi incluido em "Everybody Swins", tendo como "leading-lady" Esther Williams. Finalmente em a "Viuva Alegre", Fernando tem a ventura de amar a lourissima Lana Turner. Como vemos estreou bem, o rapazinho.







UM GRITO DE ANGUSTIA

AO iniciar-se esta história, vamos relatar os fatos ocorridos por trás dos muros da prisão "Folson", antes de 1944, quando foram feitas várias reformas que vieram converter esta instituição em um presídio modêlo.

Mark Benson, um dos encarregados da prisão, um dia depara com um espetáculo fora do comum. Tratava-se dos condenados que estavam em rebelião contra o alcaide Rickey (o carcereiro) que imprimia um tratamento péssimo a todos os presos, e os alimentava muito mal. Neste motim verifica-se a morte de um capataz da polícia, o encarregado do pátio da prisão.

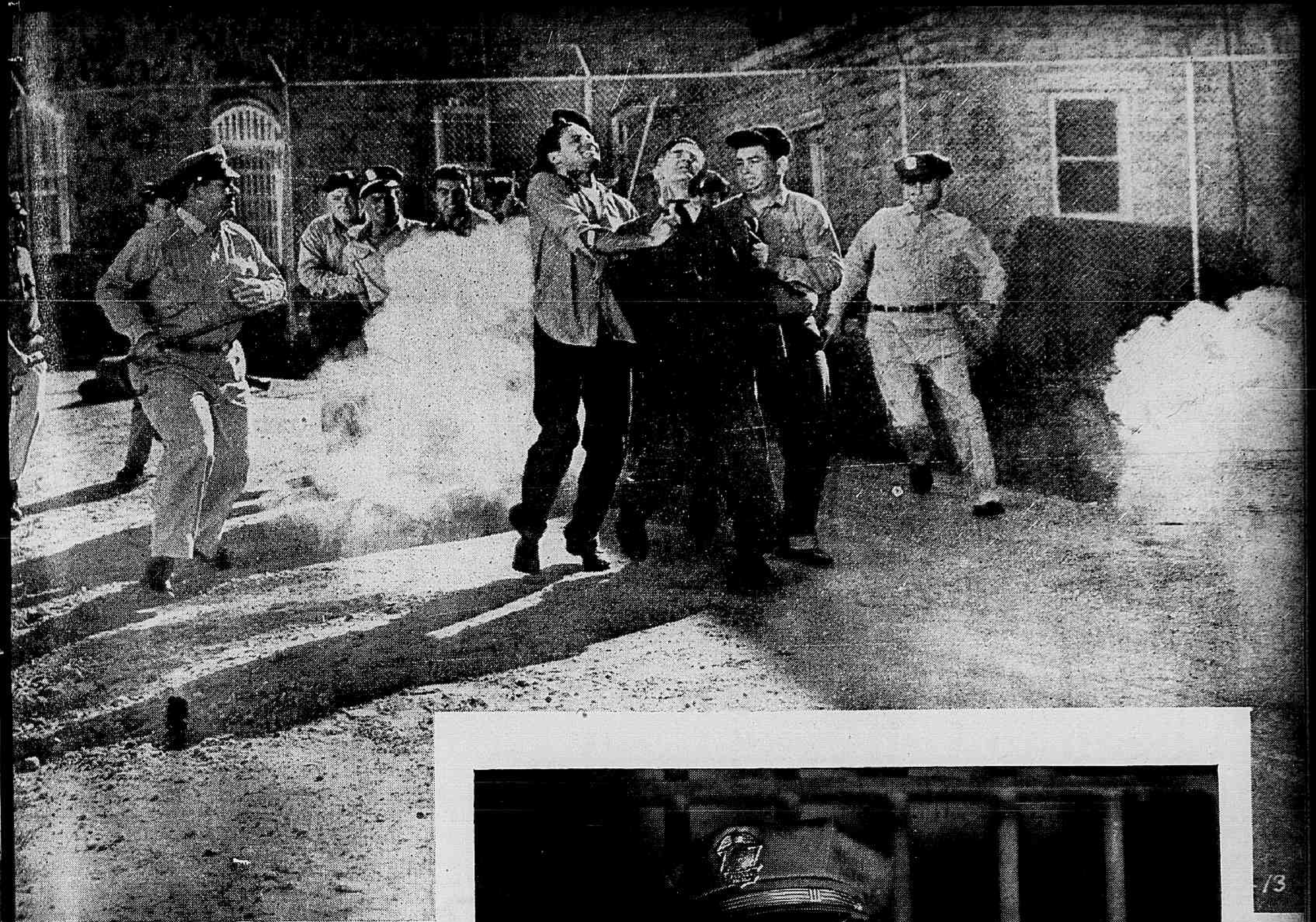
Entretanto, Mark Benson consegue dominar aquêle levante e tão logo se vê livre daquela sucessão de acontecimentos, trata de estabelecer reformas em "Folson"; porém encontra a mais forte resistência por parte de Rickey, que acredita que o único modo de se governar uma prisão, repleta de ladrões, assassinos, enfim um amontoado de infelizes, é pelo regime da fôrça bruta, sem trégua.

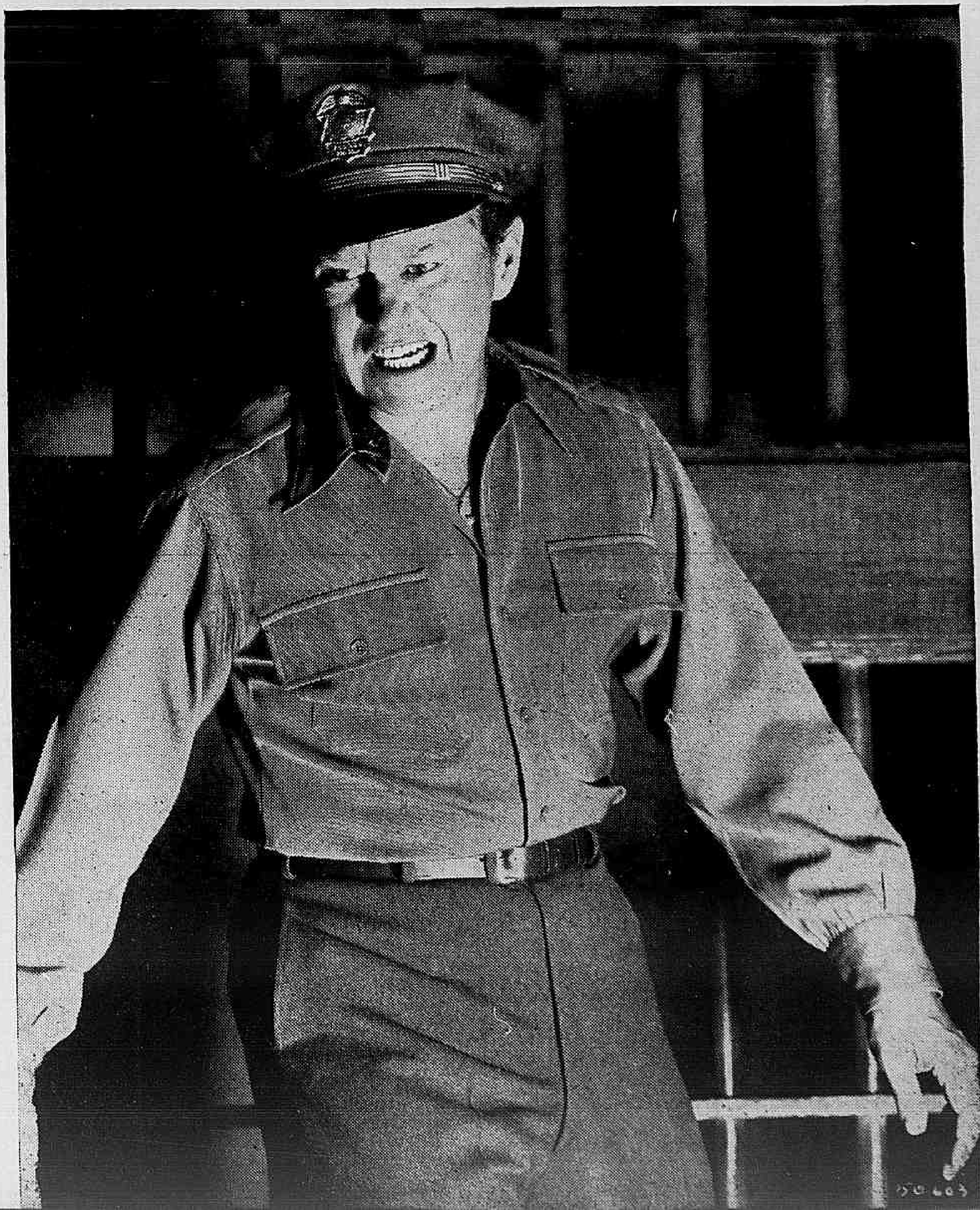
Contudo, Red Pardue, que estava a ponto de ser pôsto em liberdade pela boa conduta e comportamento, vem a delatar um companheiro. E apesar dos sinais de protestos de Mark Benson, Rickey faz com que Red Pardue volte à prisão e que se exponha à vingança dos condenados. Entretanto, tal arma de nada valeu pois, horas depois, Red morria numa explosão de dinamite.

O ambiente de violência era tal que Chuck Danieis não mais podia suportar e trata de levar a cabo a sua fuga daquele inferno, contando apenas com o material explosivo que vinha armazenando em sua cela.

Concretiza-se, então, o sonho de todo ban-







dido: o de escapar para a liberdade, mesmo com sacrifício da própria vida. Na sensacional escapada de Chuck, o déspota Rickey vem a ser ferido. Nesta altura do desespêro desenfreado, unem-se a STEVE outros presidiários, e o motim ganha grandes proporções. Mark Benson, vendo que não tinha outra solução, solicita reforços da polícia para pôr fim àquela tragédia sangrenta. Entretanto, Chuck sente que êle sòzinho não poderia conter aquela nova fôrça policial alojada no pátio e tenta, debalde, a sua última chance... e morre lutando como um valente.

Uma vez encerrado aquêle capítulo a mais na história da Prisão Folson, as autoridades governamentais resolvem melhorar aquêle estabelecimento, dando aos presos um tratamento melhor do que aquêle que êles recebiam de um homem impiedoso, ditador e sem escrúpulos.

✶

(INSIDE DE WALLS OF FOLSON PRISON)

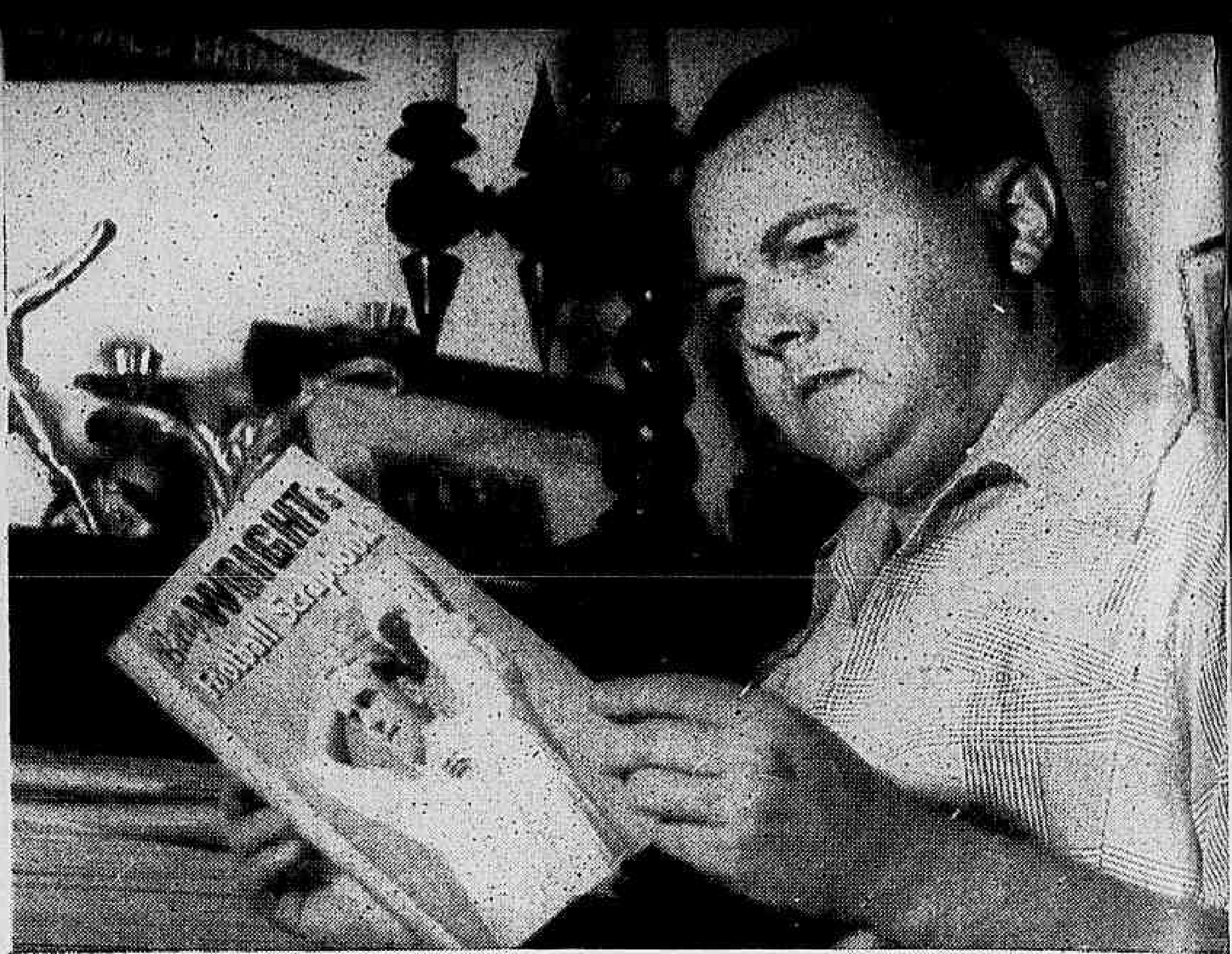
E L E N C O :

JANE	Dorcthy Hart
STEVE COCHRAN	Chuck Daniels
DAVID BRIAN	Mark Benson
PHILIP CAREY	Red Pardue
TED DE CORSIA	Alcaide Rickey
SCOTT FORBES	Frazier
LAWRENCE TOLAN	Leo Daly
DICK WESSON	Tinker
PAUL PICERNI	Jeff Riordan
WILLIAM CAMPBELL	Ferretti
JAMES GRIFFITH	Gebhardt
EDWARD NORRIS	Sargento Hart
MATT WILLIS	Pete Dennevan
DAMIAN O'FLYNN	Capitán Baxter

Produção de BRYAN FOY ★ Escrita e dirigida por CRANE WILBUR ★ Apresentação da WARNER BROS.



WRIGHT antes de ser comentarista esportivo já foi cantor de jazz. Isto há mais de dez anos e era dos melhores ordenados da época



A BIBLIOTECA esportiva do comentarista da Globo é a mais variada possível. Lendo os livros técnicos, pode emitir opiniões perfeitas

DE CANTOR DE BLUES A COMENTARISTA

BENJAMIN WRIGHT VAI AS OLIMPÍADAS

O COMENTARISTA QUE JÁ FOI ARTISTA CONTA SUA CARREIRA RADIOFÔNICA

A tarefa de comentarista esportivo é inegàvelmente uma das mais difíceis no rádio. A par de fluência na expressão, requer conhecimentos profundos da técnica do esporte. Procuramos um comentarista que ùltimamente destaca-se no cenário radiofônico carioca. E' êle, Benjamin Wright. Fomos encontrá-lo em sua residência onde nos recebeu, levando-nos logo para seu escritório. Ao entrarmos verificamos imediatamente que aquela era realmente a residência de um amante do esporte. Em seu escritório notamos um incontável número de flâmulas de tôdas as partes do mundo, troféus de seus triunfos esportivos, fotografias, etc., etc. A sua biblioteca esportiva é também digna de nota. Vimos que haviamos acertado, porquanto realmente preenchia todos os requisitos de um bom desportista, pois não só já havia praticado vitoriosamente vários esportes, como cultiva os conhecimentos técnicos, lendo em várias línguas livros de técnicos de renome mundial. Indagamos inicialmente, como se tornou um comentarista esportivo; e, prontamente, Benjamin respondeu: «Praticando o esporte como pratiquei, após ser forçado a interromper meus afazeres, não pude resistir a tentação de uma forma ou de outra, tornar-me útil aos que iniciam, e contribuir com uma pequena parcela para a melhoria do padrão técnico esportivo de nossa pátria. Conhecendo Gagliano Neto de outras épocas, ao ser fundada a Continental, procurei aquêle meu amigo e êste prontamente atendeu-me. No ambiente esportivo, senti-me como um peixe dentro d'água. Iniciei com vontade, e tive a satisfação de ver prontamente que meus comentários eram bem aceitos. Após comentar os jogos da Copa do Mundo para a Continental, por motivos de somenos, deixei aquela emissora Convidado por Luís Mendes para auxiliar na transmissão de uma regata, creio ter-me saido bastante bem, pois imediatamente o Mendes convidou-me para integrar a equipe esportiva da Globo. Estou satisfeitíssimo, ainda mais por ter na P.R.E.-3, tido a oportunidade de conhecer a Europa, tendo visitado a Inglaterra, França, Espanha e Portugal, além do Uruguai, onde fui com Luís Mendes para comentar o jôgo Vasco x Peñarol, no Estádio Centenário. Reconheço e sinto que na Rádio Globo ampliei mais meu campo de ação, e já tive oportunidade de comentar regatas, jogos de basketball, water-polo e natação. Quanto ao futebol, o esporte das multidões, creio ser o mais difícil para o comentarista. Considero-me todavia feliz, em sentir que meus comentários, nem sempre lisongeiros para êste ou aquêle clube, não sofrem qualquer restrição. Guardo com grande carinho várias cartas de desportistas de destaque, incentivando-me a manter sempre a neutralidade que sempre dou às minhas apreciações».



OUVIR RÁDIO é um prazer de minutos para quem trabalha no rádio, porque não há tempo disponível para escutar os colegas de profissão

Neste ponto, o repórter arriscou uma pergunta: — Mas, Benjamin, é impossível que você não tenha certa simpatia por algum clube. Todos, geralmente, têm.

Benjamin sorriu, abraçou José Roberto e Ana Maria que se achavam próximos, e que já admiram o futebol como o pai, e respondeu:

— Por incrível que pareça, não tenho predileções. Tive, é bem verdade, um clube do coração. Era o Clube de Regatas Botafogo, o verdadeiro clube da estrêla solitária, do qual cheguei a ser o sócio número 65. Após a fusão com o Botafogo Futebol, afastei-me. Pelo Regatas, como o chavamos, disputei o campeonato carioca de basketball, e também inúmeras regatas, tendo o prazer de haver contribuido com algumas vitórias. A minha neutralidade em si, não tem maior mérito, pois não faço esfôrço para tal. Gosta de um prélio disputado com lisura, lealmente, e ao mesmo tempo com o ardor indispensável as disputas desportivas.

— Da sua viagem à Europa, qual a impressão que trouxe?

— Sempre achei que a melhor forma de ilustração é viajar, respondeu Benjamin. Procurei em minha viagem entrar em contato com técnicos destacados, assim como com jornalistas da Inglaterra, França, Espanha e Portugal, com os quais mantenho correspondência e troca de livros técnicos. Satisfiz o sonho de apreciar um prélio de futebol na terra em que o mesmo nasceu. Arsenal e Huddersfiel me deram esta satisfação.

Enquanto conversavamos, Benjamin Wright nos mostrava livros, revistas e tôda sorte de publicações sôbre esporte. As fotografias na parede também merecéram a nossa atenção, e Benjamin descrevia-nos as vitórias que as mesmas representavam. Demorou-se mais na fotografia da guarnição de que fazia parte e que sagrou-se recordista da travessia Rio-Paquetá. Contou-nos detalhadamente os sacrifícios que a travessia representou Notamos então que Ben-

(*Cont. na pág.* 32)

FLASHES MUNDIAIS

ESTADOS UNIDOS

TODOS nós, desde a mais tenra idade, sentimos no coração uma alegria sincera, ao ver passar pela rua principal da cidade o cortejo festivo do circo, com suas fantasias multicores e sua marchinha peculiar.

À frente, em cabriolas mil, o saiote esvoaçante, os cabelos jogados sôbre os ombros, a baliza segue feliz, deixando-nos numa vontade louca de saltar também, largar êsse mundo comum e sem graça de um lado, correr atrás daquela gente desprendida das misérias terrenas, correr mundo em busca de aventuras...

Depois o grupo dos palhaços, com sapatos alucinantemente grandes e roupagens espalhafatosas, com suas gargalhadas debochadas no rosto enfarinhado, representando o riso dentro do grotesco, o humor galvanizado num ritus que parece ser de dor.

As fanfarras, de mistura com o rugir dos animais, o velho leão bocejante e nada feroz, anunciam que o circo, a maior e mais sincera alegria do garôto pobre, está na cidade e, como diz o palhaço: Hoje tem marmelada!...

Mas o tempo vai passando, nossos olhos vão vendo outras coisas, conhecendo mais as misérias do mundo e o circo vai-se perdendo ao longe, na voragem dos anos. Outras diversões substituem o velho engulidor de espadas, outros anseios nos povoam a mente, ao invés de correr mundo como um saltimbanco e o circo é esquecido...

Mas eis que, de repente, quando já não mais pensavamos nisso, surge a velha paixão de criança, metamorfoseada numa arte nova e pujante !O cinema... palavra mágica que supera qualquer barreira da imaginação e que nos fará ver de novo o velho amigo, já agora através do cristal de uma câmara.

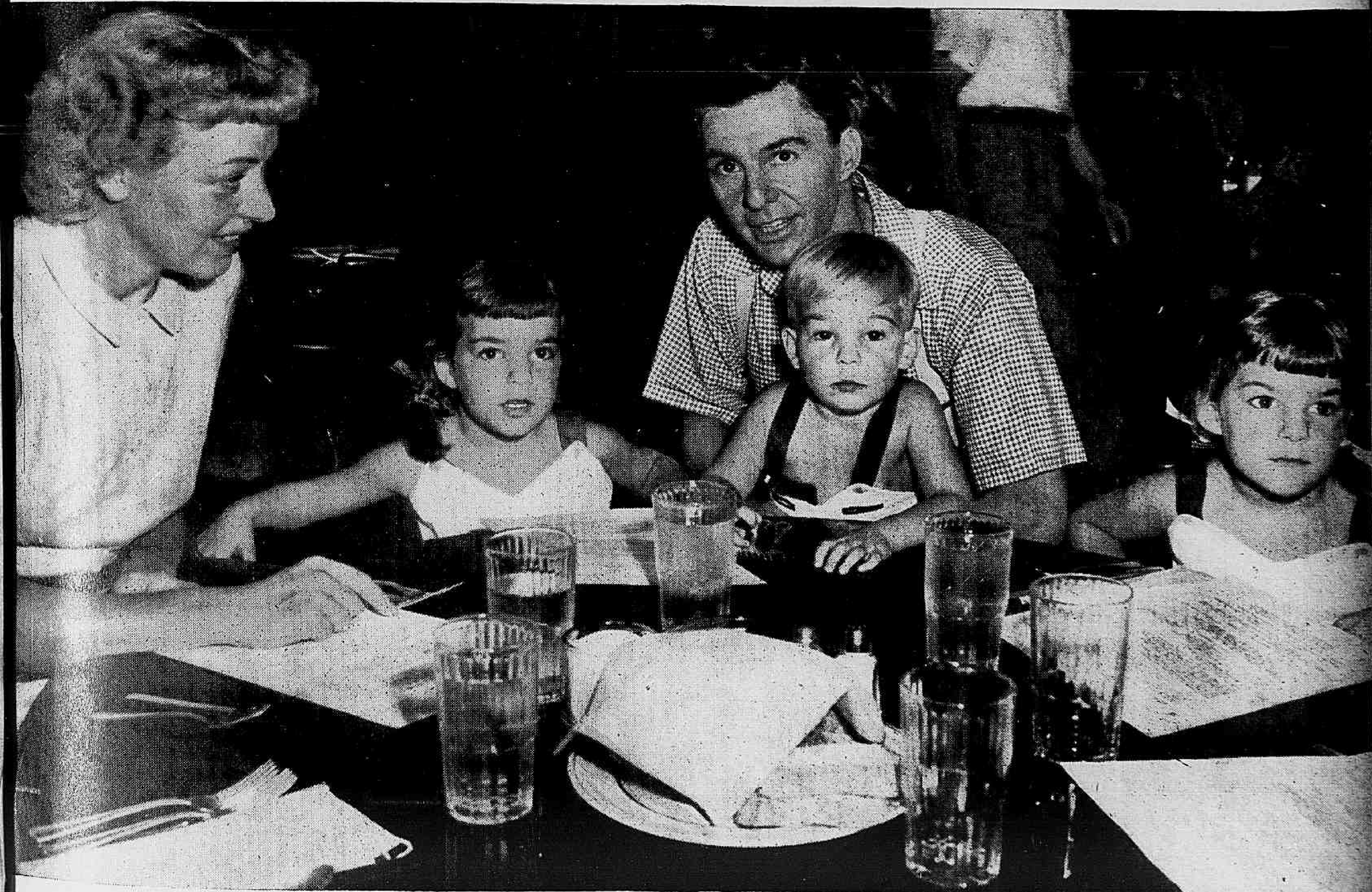
O circo, o maior espetáculo da terra, por sua poesia, sua singeleza, sendo colocado aos nossos olhos saudosos num filme que será chamado "O Maior Espetáculo da Terra".

Para se fazer um filme sôbre um circo é preciso um homem que faça o impossível e, no cinema só há um: Cecil B. DeMille.

Veremos então o mestre do grandioso, retratando a vida dos bastidores circenses, trazendo à luz as tragédias que se aceitam atrás dos risos e acrobacias.

Cecil B. DeMille produziu para a Paramount um espetáculo que sobrepujou o sonho da mais fértil imaginação, conjugando, num elenco que reune Betty Hutton, Cornel Wilde, Charlton Heston, Dorothy Lamour, Glória Grahame, James Stewart e Henry Wilcoxon, além de .. 1.400 verdadeiros artistas de circo de tôda a imensa pilocromia magnificente de um grande circo.

Aguardem, pois, todos os que, em criança, sonharam



NO NOVO TECNICOLOR da 20th Century Fox, David Wayne, personifica um velho de 73 anos de idade. Aqui vemos o astro, quando recebia a visita de sua espôsa e seus três filhos, Suzan e Melinda (gêmeas) com cinco anos e Timothy, com 4, no «set» de «Wait Trill the Sun Shines, Nellie»

NOTAS INTERNACIONAIS



UMA CENA da nova produção sueca, «Jôgo de Verão», com Naj Britt Nilsson e Birger Malmsten

★ *ROBERT CLARK, diretor geral dos estúdios da Associated British, vem de anunciar haver adquirido os direitos de filmagem da novela "The Dam Busters", de Paul Brickhill. Publicado recentemente na Grã Bretanha, tornou-se um dos "best-sellers" inglêses, mais procurados, e recebeu as mais calorosas aclamações da crítica londrina. Êste livro, conta em todos os pormenores a façanha épica da famosa esquadrilha aérea, nº 617 da RAF, que durante a última guerra destruiu as famosas grandes represas Moehne e Eder, no Ruhr, feito que tanto contribuiu para a derrota final da Alemanha Hitlerista. Possivelmente Richard Todd, será o intérprete principal, incarnando a figura do finado Tenente Coronel da RAF, Guy Gibson, comandante da famosa incursão, e condecorado com a "Victoria Cross", máxima distinção militar, inglêsa, concedida aos combatentes de guerra.* ★ *DANIEL GÉLIN e Simone Simon, são os principais intérpretes de "Plaisir", nova produção que Max Ophlus está dirigindo atualmente. "Plaisir" tem o seu argumento baseado em três novelas de Guy de Maupassant.* ★ *"LE SALAIRE DE LA PEUR", que Henri Georges Clouzot, está filmando com Vera Clouzot (sua espôsa), Yves Montand e Charles Vanel, nos principais papéis está quase terminado.* ★ *MASSIMO GIROTTI, o conhecido astro italiano, que acaba de terminar sua atuação em "Em nome da Lei", está presentemente em Paris, onde deverá filmar com Yves Allegret, "Nez de cuir", que contará também com a participação de Jean Marais.*

★



ASPECTO DO BAILADO de «Jôgo de Verão», produção sueca, que entre outras representou aquêle país em Punta del Este.

com as mirabolantes piruetas dos contorcionistas, com as chanchadas impagáveis dos palhaços, aguardem todos com o coração e a alma em suspenso, que o circo vem aí!

★

QUATRO ATORES desconhecidos, franco-canadenses, irão ter "batismo de fogo", quando no desempenho de importantes papéis no filme "Flor de Sangue", que é uma produção de Le-May-Templeton para a Paramount. Esta nova realização tem cenas filmadas numa cidade do Canadá. Quebec, requerendo serviços de 4 "guerrilheiros" franceses. Depois de uma busca nos arquivos de extras de Hollywood, o produtor e o diretor não encontraram os tipos característicos necessários para o filme. Queriam também "caras novas" para a tela, e juntos foram para Quebec, onde começaram novas buscas. Foram finalmente dezesseis canadenses, que rumaram para Hollywood, onde foram selecionados os quatro que aparecerão no tecnicolor "Flor de Sangue".

★

BOB HOPE e Marilyn Maxwell, que têm atuado juntos em numerosos "shows" de rádio, e no teatro, e em festas de benefícios, irão fazer dois duetos em seu primeiro filme juntos, "No Mato sem Cachorro".

As canções estão sendo escritas pelos melhores compositores da Paramount, Ray Evans e Jay Livingston, que têm feito as músicas dos mais recentes filmes de Bob, inclusive "Bottons and Bows" e "Home Cookin", esta última do filme "Conde em Sinuca".

Miss Maxwell junta-se a uma lista de garôtas que já cantaram com Bob na tela: Jane Russel, Betty Hutton, Lucille Ball, Rhonda Fleming, Dorothy Lamour. Shirley Ross, um brôto alucinante, aparecerá também ao lado do popular narigudo num de seus próximos filmes.

★

A IMPRENSA carioca noticiou que certos leitores púdicos de jornais de Ottawa (U.S.A.) coraram de vergonha, há poucos dias, quando viram estampado o clichê de uma cena avulsa de certo filme estrelado por Jane Russel — "Seu tipo de mulher" (His Kind of Woman). Os puritanos se sentiram profundamente chocados com o fato de aparecer a bela estrêla debruçada de modo inconveniente sôbre Robert Mitchum. Jane Russel lança, na foto, um olhar de profunda aflição sôbre o seu



BARBARA RUSH, já nossa conhecida de «O Fim do Mundo», é vista aqui ao lado de um autêntico «big chief» Nabajo, quando filmava em pleno deserto do Arizona, «Flaming Feather»

companheiro, enquanto o decote avantajado de seu vestido apresenta uma perspectiva considerada pelos puritanos como demasiado atraente. Êsses puritanos não se conformaram de modo algum com a divulgação da fotografia, tendo em vista rigidos princípios de moral e julgando que a imprensa não deve publicar coisas dessa natureza, contrárias à sã moral. Diante do protesto que êles formularam, ficou assentado que Jane Russell tiraria fotografia para divulgação, com um laço de fita no decote. Êste filme, que tanto deu o que falar, será um dos próximos lançamentos, no Brasil, da RKO.

CINEMA PORTUGUÊS

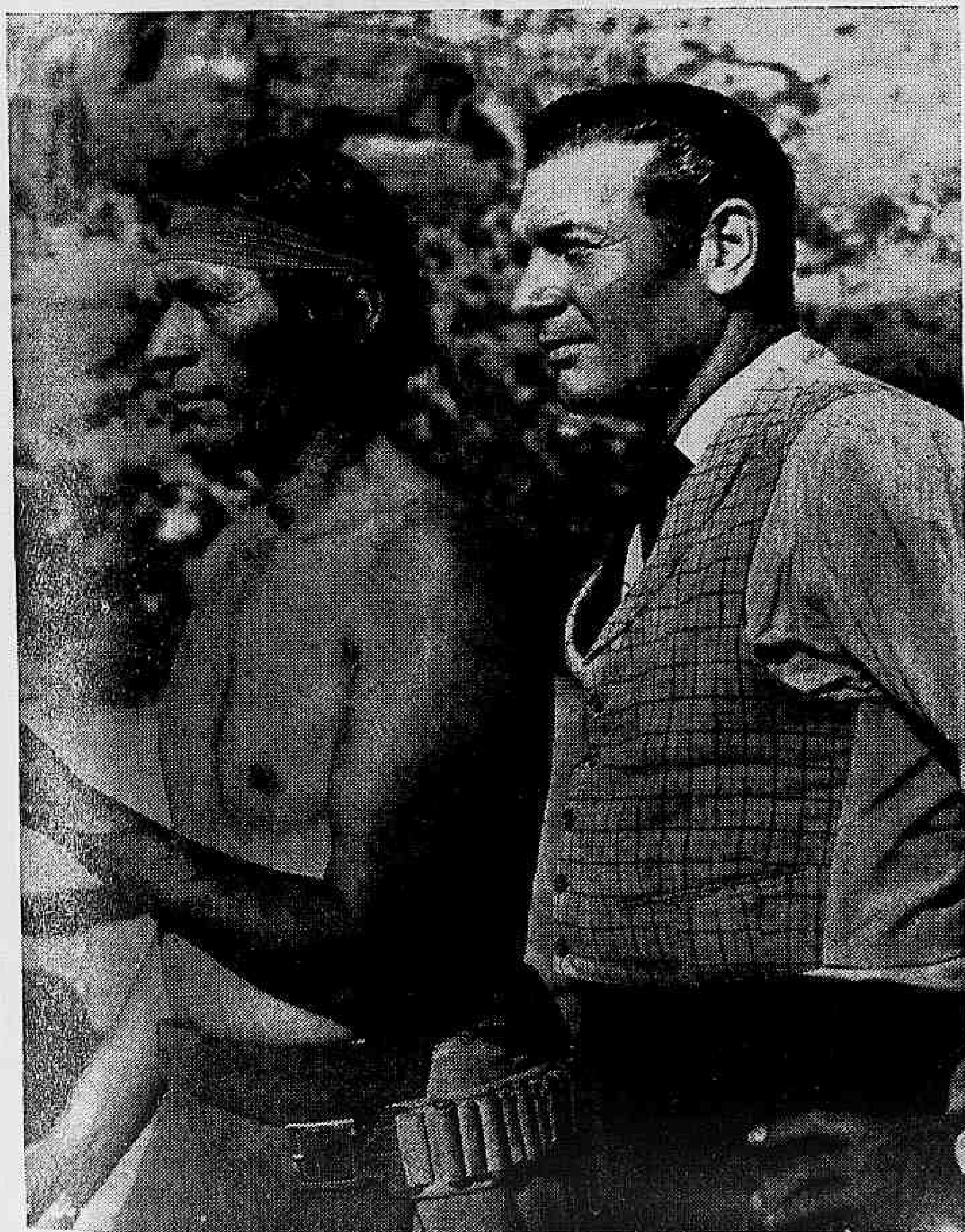
ESCREVÍAMOS há tempos, falando da tendência do público português para apreciar os filmes humorísticos, e em especial, daqueles em que ressalta a caricatura do próprio dia a dia da vida:

"Como fruto natural desta tendência e em perfeita correspondência com ela, deve registrar-se — embora dando desgôsto a críticos ensaistas cheios de preconceito intelectual — que os filmes ou as seqüências mais perfeitas e logrados do cinema português se encontram dentro dêste campo (ou do campo francamente poético, lírico de que noutra oportunidade falaremos...)"

Seja esta a oportunidade referida e vejamos quais nos parecem ser as raízes duma vocação e os seus exemplos, e também porque tem resultado no cinema português o filme poético, uma vocação frustrada.

Se nas constantes da história, das artes e da literatura dum povo podemos beber ensinamentos que nos querem parecer seguros e em tudo dígnos de crédito sôbre a sua psicologia e sôbre as suas vocações, bem podemos concluir que os portuguêses são votados à ação, com largo sentido das realidades, fáceis de adaptar à pobreza e às dificuldades, largos demais na riqueza, profundamente religiosos e... líricos. Tôda a paixão e amor pela natureza que se reflete nas artes e que partiu dos cientistas das navegações, dos botânicos, dos astrônomos e dos geógrafos que primeiro que ninguém prepararam na Europa a nova atitude do Renascimento, afirma esta tendência; tôda a literatura portuguêsa, desde a fundação da nacionalidade até aos nossos dias, apresenta sempre, como

(Cont. na pág. 31)



RICHARD ARLEN é o astro de «Flaming Feather», da Paramount, filmado em tecnicolor. Ei-lo ao lado de um autêntico guerreiro Navajo, num intervalo das filmagens

CINEMA ARGENTINO



«LAS AGUAS BAJAM TURBIAS» é a produção argentina que nos mostrará o conhecido astro Hugo del Carril como produtor

"Las Aguas Bajam Turbias" é o titulo da nova produção argentina que desta vez, tem como diretor o conhecido astro portenho Hugo del Carril. Filmada em plena selva, "Las Aguas Bajam Turbias" é baseada numa novela de Eduardo Bozrás, e segundo dizem marcará um tento na cinematografia argentina. Os que supõem levar os astros uma vida fácil e sem sacrifícios deveriam ter estado em contato com Hugo del Carril e sua equipe, nas selvas das Missões, para terem noção dos sacrifícios e perigos que enfrentaram, para dar andamento aos trabalhos de filmagens. Durante a tomada de uma das cenas, um acidente que poderia ter tido um lamentável desfêcho, ocorreu quando Joaquim Petrosino, um dos participantes, manejando um grande facão avança para Hugo del Carril, sofre uma queda e errando o golpe, vai ferir o seu oponente, felizmente sem graves consequências. Além dêste, vários outros acidentes ocorreram durante as filmagens, inclusive um, do qual foi vítima o astro Raul del Valle, que ao montar um cavalo, para tomada de umas cenas, fê-lo desastrosamente, sofrendo uma violenta queda, arrastando consigo o animal, que, caindo sôbre uma de suas pernas e sôbre seu braço esquerdo, feriu-o sériamente. Felizmente nada do ocorrido teve consequências mais sérias e as filmagens terminaram satisfatòriamente no tempo previsto. No mesmo local em que filmaram "Las Aguas Bajam Turbias", há anos atrás teve lugar a filmagem de "Prisioneiros da Terra", sob a direção de Mário Soffici, e na qual perdeu a vida o galã José Golla. A principal figura desta nova película portenha é a conhecida estrêla Adriana Benetti, italiana de nascimento, há longo tempo atuando no cinema argentino.





ALÉM DE PRODUTOR, Hugo del Carril é também o principal intérprete de «Las aguas bajam turbias» ainda em rodagem



MARIA FELIX CONTINÚA SOFRENDO

«CONFISSÕES DE MARIA FELIX»
— «E' a minha mais completa biografia»

A ETERNA PRISIONEIRA



A SAÍDA DA ALFÂNDEGA
O povo pôde admirar «a mais bela»

DE PASSAGEM PELO RIO A BELA ARTISTA MEXICANA FAZ NOVAS E SENSACIONAIS CONFIDÊNCIAS A ESTA REVISTA ★ CESÁRIO GONZALES, SEU EMPRESÁRIO, IMPEDE MARIA DE SE VER COM O ATOR ROSSANO BRAZZI DE QUEM ELA ESTÁ APAIXONADA ★ TALVEZ SE CASE EM PARIS ★ DE AGUSTIN LARA SÓ RESTA UMA LEMBRANÇA ★ SÓ PENSA RETIRAR-SE DO CINEMA QUANDO ÊSTE SE CANSE DELA ★ EM BUENOS AIRES ATUARÁ NO RÁDIO E INTERPRETARÁ UMA CORTESÃ EGÍPCIA NO ROMANCE DE ANATOLE FRANCE "TAHIS" ★ NÃO PRETENDE FILMAR NO BRA-



OS ANOS PASSAM
E o cativeiro continua

VER "MARIA BONITA" É RECORDÁ-LA PARA SEMPRE...



NO COQUETEL DO CAPACABANA PALACE
Cyl Farney e Emílio Castelar estão felizes



NO APARTAMENTO Nº 64 DO MELHOR HOTEL DO RIO
A estrêla e Juan José Juthman, cineasta argentino

SIL ★ O "CASO" PROVOCADO POR BALBO, O CACHORRO DE MARIA, NO COPACABANA PALACE, QUE VALE TRÊS MIL DÓLARES — LENDO "AS CONFIDÊNCIAS DE MARIA FELIX"

Texto de ALBERTO CONRADO
Fotos de NODGI e FERREIRA LIMA

QUANDO se inventaram essas escadinhas que se colocam junto aos navios para que desçam os passageiros, estamos quase certos de que se pensou em Maria Felix. Porque parece que se inventaram exclusivamente para que esta rainha do mundo fizesse sua aparição, como um novo monumento da beleza. E é que Maria Felix leva já tantos meses de escadinhas, tanto de navio como de avião, que já desce até sem colocar as mãos no corrimão com um talento de verdadeiro campeonato. Surgiu Maria Felix em frente do Touring Club em companhia de seu empresário Cesáreo Gonzales. E já estava esperando-a seu produtor para a Argentina Juan José Guthman e seu correspondente ramo de flores.

Muitos jornalistas vieram também dar-lhe as boas-vindas assim como numeroso público que naquele momento se encontrava no cais e que ao saber da verdadeira personalidade da passageira se acotovelaram para vê-la e pedir-lhe autógrafos. E Maria até acedeu encantada fotografar-se com duas mocinhas que assim o solicitaram. E continuou assinando autógrafos heròicamente apesar da mancha de tinta que luzia na saia de seu impecável tailleur de Dior. Não foi sem dificuldade que o repórter conseguiu aproximar-se da bela azteca que ao ver-nos esticou-nos os braços num gesto de fraternal amizade. De combinação, seguimos o Cadillac em que Maria Felix se dirigia para seu hotel. Minutos depois estavamos confortàvelmente sentados no apartamento 64 do Copacabana Palace.

O "CASO" PROVOCADO POR "BALBO"

Apenas tinha chegado Maria ao hotel, o gerente fêz sérias objeções a entrada no mesmo de seu lindo cachorro "Balbo". Entretanto, a temperamental artista mexicana se opôs terminantemente a que seu cachorro não ficasse consigo. "Considero-o como um filho. Se êle não fôr admitido também não ficarei aqui" — falou de uma forma áspera. Momentos depois o belo exemplar canino passeava com sua altiva silhueta pelo espaçoso quarto. Mas isto gerou uma revolta por parte dos empregados do hotel. Comentavam que isso representava a quebra de tôdas as tradições do famoso hotel.

"Nem sequer a sra. Matarazzo conseguiu ficar com seu cão" — comentava indignado o porteiro.

MAIS ALGUMA COISA SÔBRE MARIA FELIX

A Maria Felix se lhe submetem a sua consideração todos os argumentos que deve realizar. Escolhe ela o diretor, o galã, os principais atores e ainda mesmo o cameramen. Se bem que nem todos seus trabalhos mereceram o aplauso da crítica e do público, se impôs sempre pela sua beleza, sua enorme sugestão, o desejo de "vê-la" à margem da simpatia e da sua atuação como artista. No México se copiam seus penteados, seus vestidos. Nas touradas se lhe dedicam as mesmas, nos estádios de futebol todo o público volta-se para ela para contemplá-la. Assim que Maria Felix não parece já uma mulher simples, pois que colocada à margem de sua condição de estrêla de cinema é alguma coisa de len-



O PRIMEIRO ENCONTRO NO RIO COM O CRONISTA
— «Queria dizer-lhe quão prodigiosa é sua memória»

"OS HOMENS PODERÃO JULGAR-ME, MAS SÓ DEUS POD



Quem pintou o amor cego
Não o soube bem pintar
O amor nasce dos olhos
Quem não vê, não pode amar.



No coração da mulher,
Por maior frio que faça
Há sempre o calor bastante
Para aquecer a desgraça.



Coração, que ouves e calas
E fazes papel de mudo,
Fazes bem, meu coração,
Quem se cala vence tudo.



da, de sonho, de fantasia, de fanatismo, de misticismo. Morena, de claros e intensos olhos verdes, elegantemente vestida pelos maiores modistas e joalheiros do mundo, sua presença é, como dizia Pedro Armendariz, "uma recordação inesquecível". "Ver a Maria Bonito é recordá-la para sempre". Muitas vêzes em "El Patio", o mais famoso "night-club" e restaurante mexicano, onde concorre com alguma frequência a artista azteca tem que abandoná-lo pela curiosidade da gente que, esquecendo aos outros artistas que ali estão, voltam os olhos para Maria Bonita, alterando, por conseguinte, seus nervos.

Fabulosa, em todos os sentidos, é pois a visita a nosso país de Maria Felix. A

Amigo Alberto.
Quiero manifestarle toda m
gratitud por haber hecho con
con sus artículos e reportajes
otro lado de mi existencia.
Con la admiración de
Maria Felix

A BELA E... O BELO BALBO
Considerado como um filho

Á CONDENAR-ME"



Tendes dois olhos na cara,
Que parecem dois ladrões:
Êles, postos numa estrada.
Podem roubar corações.

pectativa do público é mais intensa a usa das sucessivas postergações desta agem. E é tão extraordinária, que po- considerar-se assegurado o êxito de us filmes a estreiarem-se pròximamen- e. E foi assim que chegou até nós Ma- a Felix, com sua formidável sugestão, us vestidos e jóias invejadas por gran- s mulheres do grande mundo social.

BATE-PAPO COM SUCO DE LIMÃO

Maria Felix conversa conosco com a tural desenvoltura de quem nos co- ece faz já algum tempo. E não é ad- ração que nos diz:

— Gostei imensamente da série de re- rtagens sob o título "Confissões de

(Cont. na pág. 32)



ERENTE DO COPACABANA NÃO GOSTOU
Mas Maria impôs sua vontade



(DARLING, HOW COULD YOU!)

ELENCO:

Dr. Robert Grey	JOHN LUND
Alice	JOAN FONTAINE
Amy	MONA FREEMAN
Dr. Steve Clark	PETER HANSON

★

Direção de Mitchell Leisen
Produção de Harry Tugeno

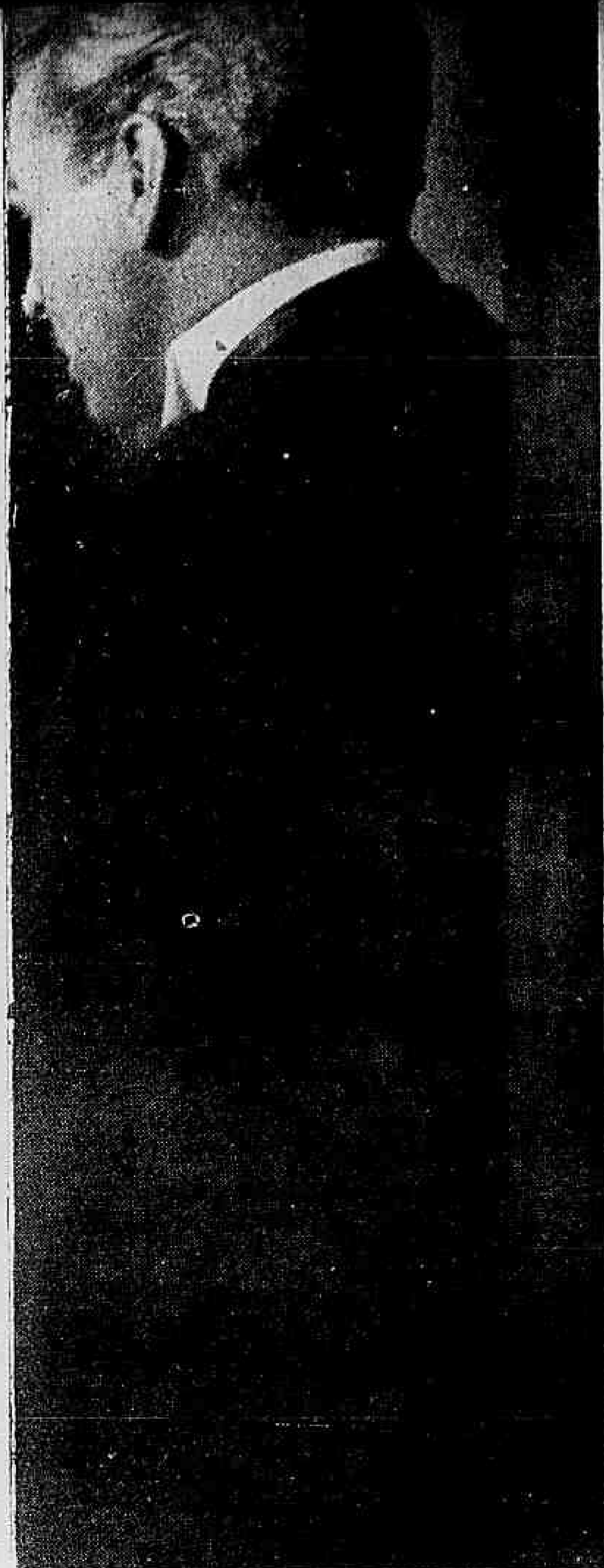
★

Apresentação da Paramount

A MULHER QUE NÃO

DEPOIS de uma estada de vários anos no Panamá, onde servia como médico na construção do Canal, o dr. Robert Grey e sua encantadora espôsa, Alice, retornam a New York. Êles estão ansiosos para ver os seus três filhos novamente; Amy, de quinze anos, Cosmo, de nove, e Molly, um rosado bebê, que havia ficado sob a custódia da avó, até a sua recente morte. Amy e Cosmo estão igualmente tão excitados para ver os pais quanto êles. Amy, sentindo-se sob a impressão da primeira peça que vira na semana passada, intitulada "A Negligente Sra. Rossiter", pinta, na sua imaginação, sua mãe como uma senhora idosa e desamparada e resolve dedicar-se a ela pelo resto da vida. Mas o encontro não é exatamente o que êles idealizaram. Robert não tem dificuldades em ganhar o amor dos filhos, mas Alice, não tendo o mesmo tato do marido, diz e faz coisas que decepcionam as crianças, que a imaginavam de forma tão diversa, e até mesmo o bebê se põe a chorar desesperadamente quando ela chega perto. Alice está desanimada. Mas Robert pede-lhe que dê tempo a que êles se acostumem com ela...

Robert tinta há longo tempo aceitado ver a espôsa sempre rodeada pelos homens e até se divertia com o modo com que ela jogava com êles. Mas a filha, Amy, que está na idade em que se dramatiza tudo, não vê com bons olhos a amizade de sua mãe com o jovem dr. Steve Clark, a quem Robert e Alice conheceram no Panamá. Amy começa a suspeitar o pior quando, tendo visto Alice beijar alegremente o barulhento Steve, que chegava, ela, pondo-se atrás da porta, ouve sua mãe prometer ir ao quarto dêle à tarde. Um encontro! Ignorando que seu pai estava presente e fôra incluido no convite, sua imaginação começa a trabalhar e ela resolve, nobremente, "salvar" a honra da mãe, justamente como vira na "A Negligente Sra. Rossiter". Envergando um dos vestidos de cerimônia de sua mãe para aparentar mais idade, ela penetra no quarto de Steve antes dos pais chegarem e, com gestos dra-





PECOU ...

máticos, pede-lhe de volta as cartas comprometedoras de sua mãe... (Haveria tragédias sem cartas?) Steve, que não conhecia os filhos de Alice, está espantadíssimo, especialmente quando Amy diz ser a filha da mulher que o ama!!!

Neste momento entraram Robert e Alice, e Amy esconde-se em um armário, esquecendo suas luvas, que são encontradas por Alice, Steve vê-se atrapalhado para se explicar sôbre a dama desconhecida. Alice descobre a presença de Amy e consegue fazer com que os homens saiam do quarto para que não vejam a filha. Se ela deu algum "passo em falso", pensa ela, terei de protegê-la. Quando êles entram de novo, Alice conta que Amy havia chegado um pouquinho antes dêles voltarem. Mas o espanto de Steve suscita as suspeitas de Robert, principalmente quando Amy, para "salvar" a mãe, diz que está noiva de Steve!

Alice, contente por ver os esforços de Amy para "salvá-la as haviam aproximado, leva-a para casa e resolve,

(*Cont. na pág.* 26)

PROBLEMAS HUMANOS

Dr. LUÍS FRAGA

À LUZ DA PSICANÁLISE

COMPLEXO DE INVEJA

GENY é uma jovem de 26 anos. Inteligente e culta, elegante e bonita. Nascida num país europeu, casou-se com um brasileiro, do qual tem uma filha de cinco anos. O casal está separado há três anos Geny tem uma vida social intensa, voltando sempre para casa de madrugada. A filhinha de Geny está num semi-internato, tendo com a genitora um contato muito pequeno.

Geny procurou-nos, a conselho duma amiga que é nossa. Ao entrar na sala de exame, fê-lo de modo pitoresco: ora falando o inglês, ora o francês, examinando os quadros e procurando algo exótico.

Geny teve algumas sessões psicanalisticas revelando em tôdas muita inteligência e espírito. Todavia ainda que o procurasse esconder, percebemos que não era feliz, a dispeito das múltiplas qualidades e do seu bom estado econômico.

Sua vida social, "boites", passeios marítimos e aéreos, excursões automobilísticas. idas e vindas à Europa e aos Estados Unidos, tudo não passava de uma transferência; um modo de esconder a angústia.

GENY — Se lhe contar a minha vida, o senhor poderá escrever um romance de muitos capítulos.

MÉDICO — Faremos um resumo, sem prejudicar o enrêdo.

GENY — Eu sou uma mulher feliz.

MÉDICO — Ninguém, realmente feliz, proclama a sua felicidade.

GENY — Que é que me falta?

MÉDICO — Naturalidade.

GENY — E' uma questão de temperamento.

MÉDICO — ... ou de educação.

GENY — Acha-me mal educada? Culpe, a senhora minha mãe. Ela é a causa de tudo.

MÉDICO — Estamos acertando o caminho; continue.

GENY — Minha mãe é egoista, autoritária, dominadora, egocêntrica...

MÉDICO — Vivem separadas?...

GENY — Há seis anos.

MÉDICO — Ela não mora no Brasil?

GENY — No mesmo bairro que eu.

MÉDICO — E à sua filinha...

GENY — Minha mãe não a conhece. Está longe das suas malhas, da influência malévola que a poderia destruir.

MÉDICO — Você então, lhe dá uma constante assistência.

GENY — Está num bom colégio; tem boas colegas, da melhor sociedade. Vejo-a dormindo e me certifico de seu bom estado de saúde.

MÉDICO — Falta-lhe o carinho materno; faltam-lhe conselhos e uma pessoa que responda às mil-e-uma perguntas, frutos da curiosidade infantil.

GENY — Por outro lado não está sujeita a uma ação perniciosa que lhe estrague a existência.

MÉDICO — Os rancores e ódios que hoje assolam o mundo desunindo os povos e irmãos, são o resultado lógico, não de uma fatalidade, mas de uma longa prédica contra o amor. Êsse amor que procede do conhecimento de si mesmo e, imediatamente, da compreensão e aceitação de motivos alheios.

Geny veio para o Brasil durante a guerra, esta última guerra, em companhia de sua genitora e dois irmãos rapazes. O pai suicidara-se 3 anos antes, tendo deixado a família em boa situação econômica. Aqui, no Brasil, Geny fêz amigos brasileiros e estrangeiros, freqüentadores de clubes noturnos. Nessa época o comportamento para com a genitora já prenunciava um futuro rompimento. Quando residiam na Europa, Geny mostrava-se hostil ás solicitações de sua mãe. Estavam em Londres, ela e sua família, no aceso da luta. D. Eve residindo no centro da cidade e Geny nos arredores. Após uma noite de terrível bombardeio que atingiu em grande parte o local em que residia D. Eve, sua filha não manifestou qualquer intêsse, D. Eve foi quem lhe telefonou, estrando o silêncio absurdo:

D. EVE — Você soube, pelo rádio, que fomos, bombardeados, ontem, não?

GENY — Que novidade há nisto?

D. EVE — Eu e seus irmãos escapamos milagrosamente.

GENY — Estou vendo; está muito frio, por aí?

Geny, nessa época, estava com 16 para 17 anos. Havia concluido o curso secundário e frequentara os melhores colégios da Suiça, França e Inglaterra. Correspondia-se assiduamente com amigos de vários países, zangando-se quando as cartas não lhe eram entregues com presteza.

Em 1945 casa-se, no Rio, com um bacharel e continua residindo no Distrito Federal. Seis meses após diz ao marido que deve ir a Paris, em volta à uma amiga que está doente e necessita de sua presença. Viaja só, demorando-se 5 meses na capital francesa, respondendo às cartas do marido com telegramas lacônicos e não tomando conhecimento da existência de D. Eve.

Regressando, mostra-se carinhosa com o marido, mas indiferente e hostil com D. Eve, a quem não visita e recebe indiferentemente quando visitada, pretextando algo para sair.

Nos meses que se seguem sai com freqüência, em companhia de um amigo francês, ridicularizando o marido pelas cenas de ciúme.

Há alternativas de carinhos e indiferença, repudiando a calma e a tranqüilidade da vida no lar.

GENY — De certo que o amava.

MÉDICO — Por que o contrariava assim?

GENY — E' que êle me contrariava. Antes de casar-nos conhecia os meus hábitos e não me censurava. Isso foi coisa de minha mãe: ela não suportava a hipótese de me ver feliz.

MÉDICO — E' preciso que os valores morais criem um clima de virtudes, apto para permitir uma comparação entre o que já se conquistou e o que ainda se deverá obter.

GENY — Fui, ao que parece, laçada para ser domada aos poucos...

MÉDICO — A virtude reafirma a sua eficácia. Não se trata de preserições formalísticas mas, uma norma de vida que permitirá dizer de um homem que cumpriu o dever e os imperativos pessoais e públicos.

GENY — O doutor quer dizer: os preconceitos.

MÉDICO — Não é preconceito; é harmonia de vida; o sentimento da plenitude existência, que afasta, no lar, o estígma das coisas provisórias.

Geny continuou a sua vida artificial, de "boites" e passeios trocando o dia pela noite. Meses após tem notícia de que será mãe. Modifica, um pouco, o seu sistema de vida e começa a fazer planos.

Marjorie cresceu, trazendo um período de relativa felicidade ao lar de Geny. Sim, ao lar de Geny porque sòmente ela se faz contar. O marido, no desejo de tranqüilidade, vai abolindo, pouco a pouco a sua condição de espôso e pai, até que a própria Geny pede o desquite. D. Eve procura intervir e é rudemente afastada. Os irmãos de Geny não conseguem demovê-la, também. Ela ama os seus irmãos e se interessa exageradamente por êles. "Quer salvá-los da influência malévola da mãe".

GENY — Meus irmãos, apesar de maiores, nãáo têm personalidade. D. Eve (não diz minha mãe), domina-os e os persegue.

D. Eve sofre atrozmente. Descreve com minúcias a infância e a adolescência da filha; faz elogios ás suas qualidades físicas e intelectuais e deplora a sua atitude moral doentia.

D. EVE — Há qualquer coisa em Geny, que os médicos, na Europa, não conseguiram ver.

Lia, então, ela própria, os apontamentos feitos em Paris, em Londres em Viena, em estações de águas na Europa enfim, nos lugares onde acompanhara a filha, antes de virem para o Brasil. Não havia conclusões nêsses apontamentos, nem aludia, jamais, à causa que encontramos, mais tarde, nos exames psicanaliticos que procedemos.

Geny escondia, inconscientemente, despistando, com a sua imaginação fecunda e brilhante o motivo real de sua pertubação e de seu complexo.

Geny — D. Eve, em seu orgulho e vaidade, prejudica a quantos a rodeam.

Meus irmãos são joguetes de sua vontade extravagante e ditatorial. A fortuna deixada por meu pai, fortuna que ela ainda administra, auxilia-a a perpetrar o seu crime.

Geny fala do pai com viva simpatia, achando que êle suicidara-se por não suportar o domínio da espôsa. Ela, de fato, vivera muito pouco em companhia do pai, de vez que estivera sempre em colégios internos e êle era um homem de negócios, estando em constantes viagens.

GenY — Como posso explicar o suicídio de meu pai, florescendo, como floresciam os seus negócios.

MÉDICO — Há qualquer coisa oculta, qualquer tensão interior, que ainda não pudemos sentir. O ambiente e as circunstâncias da virtude influem na importância do resultado a que chegaremos.

Geny começa a compreender o seu verdadeiro papel. Fixa-se porém, num aspecto enganador, renegando o profundo significado essencial.

Começa a relatar o conteúdo de seus sonhos, não acreditando nos significados oriundos das interpretações, resultando daí num processo de deformação, caindo no que se chama "inibições inconscientes das tendências que buscam exprimir-se nos sonhos e nos sintomas e que, inibidas, substituem as expressões genuinas".

GENY — O doutor diz que a ogeriza que eu sinto por D. Eve é uma falsa representação afetiva?

MÉDICO — Sim. Há uma tendência sádica contra a qual o objeto da atração não encontrou suficiente proteção.

GENY — Qual será o objeto da atração, meu marido?

MÉDICO — A senhora sua mãe.

GENY — Minha mãe. D. Eve (corrige, como assustada?)

MÉDICO — Você tem agido com a senhora sua mãe como uma sádica.

(*Continua na pág. 26*)

FILHA DE UM DOS PRESIDENTES DO PAÍS AZTECA FOI CONTRARIADA PELA FAMÍLIA AO QUERER INGRESSAR NO CINEMA ★ ATRIZ DE RÁDIO, TEATRO TELEVISÃO, CINEMA E CRONISTA DE BELEZA★PARTICIPOU DE 27 FILMES MEXICANOS E DOIS AMERICANOS ★ SOB CONTRATO COM A REPUBLIC ATUARÁ AO LADO DE GARY COOPER NUMA PRODUÇÃO DE STANLEY KRAMER ★ GABRIEL FIGUEROA E O COMPOSITOR DIAZ CONDE NÃO PUDERAM TRABALHAR EM HOLLYWOOD POR SEREM COMUNISTAS — DECLARA A BONITA ESTRÊLA MEXICANA ★ LEONORA AMAR NÃO TEM TANTO CARTAZ QUANTO DIZEM ★ SUA OPINIÃO SÔBRE MARIA FELIX

Texto de A.C. — Fotos de FERREIRA LIMA

O México é um país de encantos novelescos. Do passado guarda ainda o perfume suave e concentrado das legendas. No presente rescende a essências impregadas de novelismos sensacionalistas e excitantes. A legenda, que hoje imortaliza os feitos de uma velha e extinta raça de suas ruinas, no México é fato corriqueiro e banal de todos os dias, que deparamos a todos os instantes, roçamos em todos cantos... Com tôdas as intensas vibrações que o contato forçado com o pulsar febril da civilização norte-americana lhe possa dar, ou com tôda a enervante apatia que lhe caracterize a energia dos *pueblitos*, ambas em seu original contraste, êle guarda no fundo de sua alma, o espirito mistico do exuberantismo ancestralismo, conserva, na superfície prateada do seu exibicionismo cenográfico, a mesma velha pátina das legendas misticas das tradições dos imortais antepassados indo-americanos. Essas caracteristicas predominantes da raça azteca nós a encontramos aqui no Rio, em pleno coração da Cidade Maravilhosa, numa tarde enervante de calor africano, na pessoa da atriz mexicana Katy Jurado. Katy é o tipo da mulher do campo da terra de Juarez. Possui um aspecto de encantadora rustidez denotada nas feições, na sua maneira de falar, na sua espontaneidade, sinceridade de opinião e, principalmente, no seu grande amor pela terra mexicana. De estatura mediana, mais ou menos um metro e setenta e cinco, de compridos cabelos negros, com seus grandes olhos negros, muito nos falam das encantadoras noites de Acapulco. Seu olhar, seus lábios grossos, falam eloquentemente do manancial de sensualidade que aflora neste "pedaço" do México transplantado para o Rio. Katy conversa conosco com a desenvoltura natural de quem nos conhece faz bastante tempo. E nesse clima de camaradagem, a artista que vimos no filme da Republic "Paixão de Toureiro", como a espôsa de Gilbert Roland, foi-nos contando alguma coisa de sua vida.

"Meu verdadeiro nome é Maria Cristina Jurado, nasci no dia 16 de janeiro... de um ano qualquer em Guadalajara. Sendo filha de um dos presidentes de meu pais, meus pais não queriam ouvir falar em carreira artistica, embora eu desde cedo sentisse uma grande inclinação para a representação. Meu inicio no cinema deu-se pelo fato de que o diretor Emilio Fernandez, naquela época em di-

(*Cont. na pág.* 32)



KATY JURADO — Uma promessa mexicana

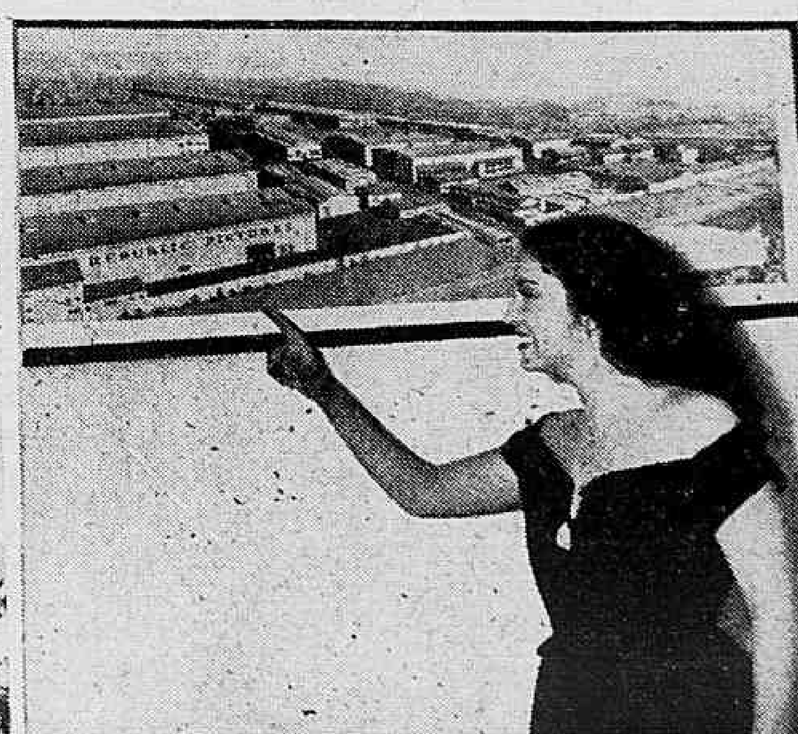
KATY JURADO - UM "PEDAÇO" DO MÉXICO NO BRASIL



«FIGUEROA não pôde entrar nos **EE.UU.** por ser comunista», — declara a bela estrêla azteca, na entrevista que nos concedeu



FLAGRANTE fixado quando Katy firmava contrato, aqui no Rio, com os representantes de uma emprêsa norte-americana



DE AGORA em diante filmarei aqui, diz-nos sorridente Katy Jurado, apontando-nos para os Estúdios da Republic Pictures

UM ELEMENTO CAPITAL: - O TÉCNICO

PARA VESTIR E EMBELEZAR O CINEMA BRASILEIRO

O "foca" solta um foguete sôbre cinema brasileiro e a turma aplaude bestificada. Ôvo de Colombo! Fogo na roupa! Onda... O ensaio tem um título complicado como toada alemã do século XVI: "Da qualidade pouco invejável dos filmes nacionais e dos elementos capitais que desecandeiam e asseguram a referida mediocridade constatada em centenas de obras". Grande, né? No fundo o "foca" tem razão, mas a trinca não sabe.

Ainda temos muito que aprender: o progresso de superfície só convence no plano nacional. Aquilo que nos parece melhor é ainda rudimentar para os estrangeiros autorizados; os paraguaios, os argelianos e os filipinos. No fundo é boa gente, mas cadê cinema? Sim, o "foca" tem razão a despeito da pompa, do ufanismo. Há motivos de sobra que determinam e sustentam a pequenez do cinema brasileiro, indústria mal esboçada, arte potencialmente inexplorada. Arletty, a célebre estrêla francesa, dormiu durante a projeção de "Tudo Azul" na cabine da Flama. Um jornalista uruguaio notou a imitação cretina dos padrões europeus e ianques nos filmes brasileiros. A pobreza de imaginação e de valores estéticos tem sido massacrada pelos críticos brasileiros de maneira impiedosa. Adiantou alguma coisa? Neca! O pessoal não se emenda. Não há jeito que dê jeito...

A carência, entretanto, é geral e não de dois ou três. Nos elementos de produção, principalmente. O elemento humano para "diante da câmara" é bom e farto: o elemento humano para "detrás da câmara" é deficiente e reduzido. Reduzidíssimo. E com isso sente-se feliz... Felicíssimo!!!... Os gringos não querem ensinar nada a ninguém. Vêm das "estranjas" contratados por milhões, ganham os cobres, ficam sassaricando uns meses, e dão no pé quando estão de saco cheio... E que ninguém os ataque. São uns santos... A confraria local, da qual fazem parte vadios adeptos de Notre Dame do "Ó", também é de doer: além de parcos conhecimentos os seus membros fazem dos mesmos monopólio, interêsse privado do grupo, e nada querem ensinar a quem realmente deseja aprender... O pessoal é mesmo de doer... Mêdo da concorrência? Talvez.

A verdade é que só temos técnicos de araque. Sim, é isso mesmo, técnicos de araque, improvisados, intitulados. Uns bocós! Uns lompras. Umas bestas quadradas. O material com que trabalham também é improvisa-

A FOTOGRAFIA está melhorando... Cena de «Areias Ardentes»



UM VESTIDO horrível... Cena de «No Trampolim da Vida»



MAQUILAGEM e penteado a martelo... Vanda, Mário Brasini, Luisa

CARÊNCIA DE ESPECIALISTAS ★ A CONFRARIA DOS ENTENDIDOS DE ARAQUE ★ SEMPRE A IMPROVISAÇÃO ATRAPALHANDO ★ FALTAM FIGURINISTAS, DECORADORES, MAQUILADORES, DIRETORES DE DIÁLOGOS, ETC. ★ FALHA IGUAL EM TODOS OS TRECOS ★ UM DIA...

SALVYANO CAVALCANTI DE PAIVA

(Especial para a CENA)

do. Babau, pois, para o cinema brasileiro. Debalde qualquer tentativa de melhoramento. Inútil qualquer esperança no pé em que estão as coisas. Vejamos, treco por treco, a quantas andamos, tá?

Teremos técnicos de beleza? Honestamente, não temos técnicos de beleza, maquiladores profissionais que entendam do riscado. Por exemplo: das influências recíprocas entre a massa de pintura aplicada na cara do *desinfeliz* (palavra inventada por Jorge Amado) e o tipo de iluminação. Qual o maquilador — exceto, talvez, o sr. Fernando de Barros que, em algum longínquo tempo sabia embelezar minha amiga Maria Della Costa — que conscientemente lambusa a cara do parceiro, levando em conta o momento psicológico da tomada de cena, a idade do *pilantra* ou da *vigarista* (refiro-me aqui ao personagem e não ao ator ou à atriz...), a côr natural da cútis, as rugas falsas ou verdadeiras, as sardas? Existirá, no duro, algum maquilador brasileiro de cinema que entenda de cosméticos profundamente?

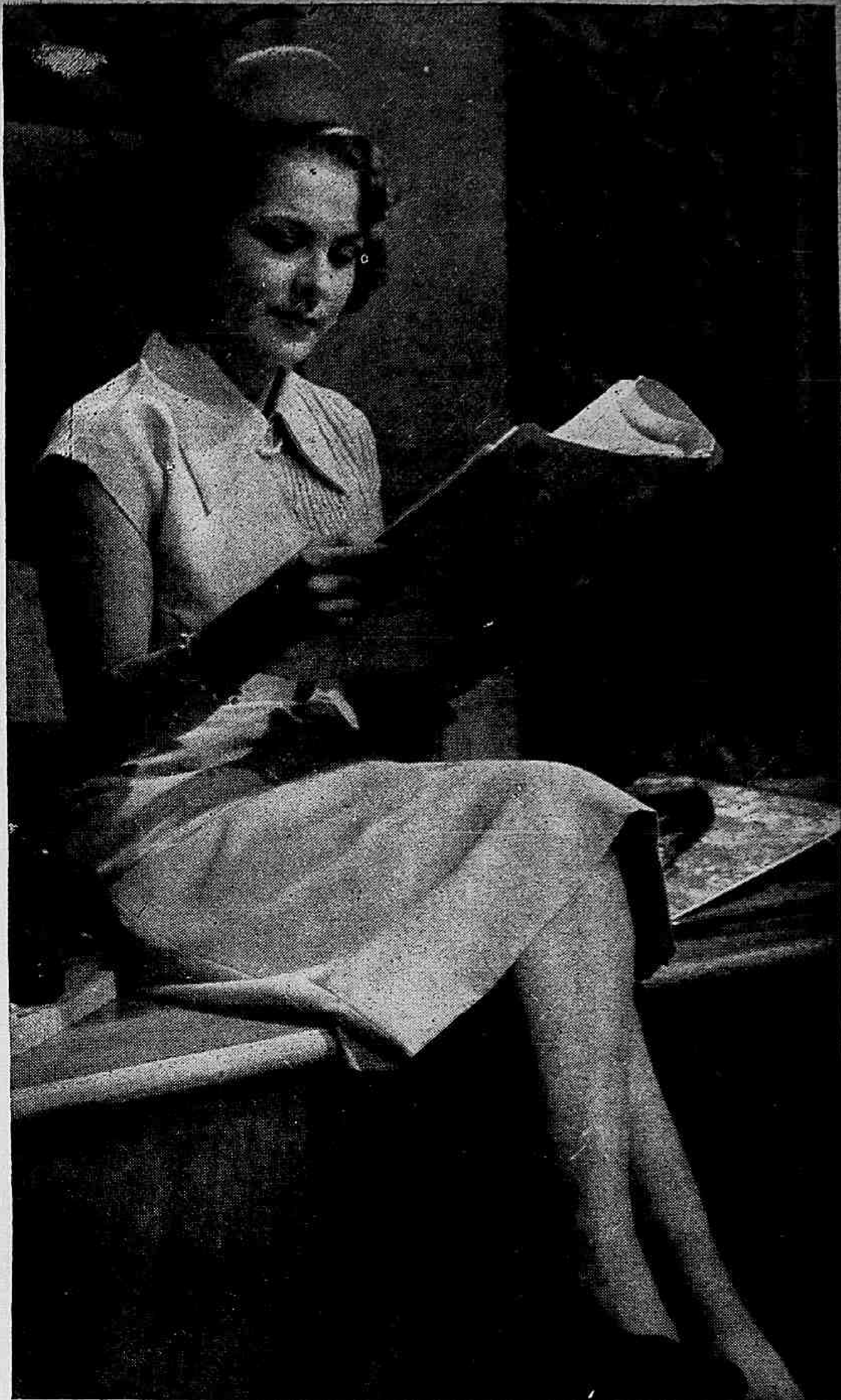
Boa vontade sei que não falta. Boa vontade apenas não basta porque de boa vontade trabalha tôda a nobre e laboriosa classe dos maquiladores, bem como dos demais técnicos (exceto, naturalmente, os pseudo-técnicos) do cinema nacional.

Teremos técnicos em penteados? No cinema brasileiro, não creio. Pode ser que os salões de beleza estejam cheios. Os estúdios, porém, estão vazios. Do contrário como se explica que as atrizes fiquem deformadas horrívelmente com penteados que envelhecem, cabeleiras ridículas mal disfarçadas, tôda uma série de diabruras que só prejudicam o cinema brasileiro? Como é que é, senhores entendidos?

Teremos costumistas? não, não temos costumistas. Se existem, realmente, cortam mal e costuram pior. Conheço guarda-roupas de alguns estúdios do Rio e de S. Paulo. Ricos, custosos... Mas até hoje, na tela, só apareceram atrizes e atores vestidos que nem *jecas*, caipiras de cafundós de Judas, tipos de Caixa-Prego...

E o engraçado vem depois. O "Diretor Artístico" no Brasil inverteu a profissão. Ou melhor: o têrmo Diretor Artístico, que no vocabulário de Hollywood e adjacências assinala o especialista na planificação e execução do "decor", sofreu deturpação aqui. Nestas bandas designa o cabra encarregado de tratar do elenco. Espécie de treinador de cavalos, com a devida

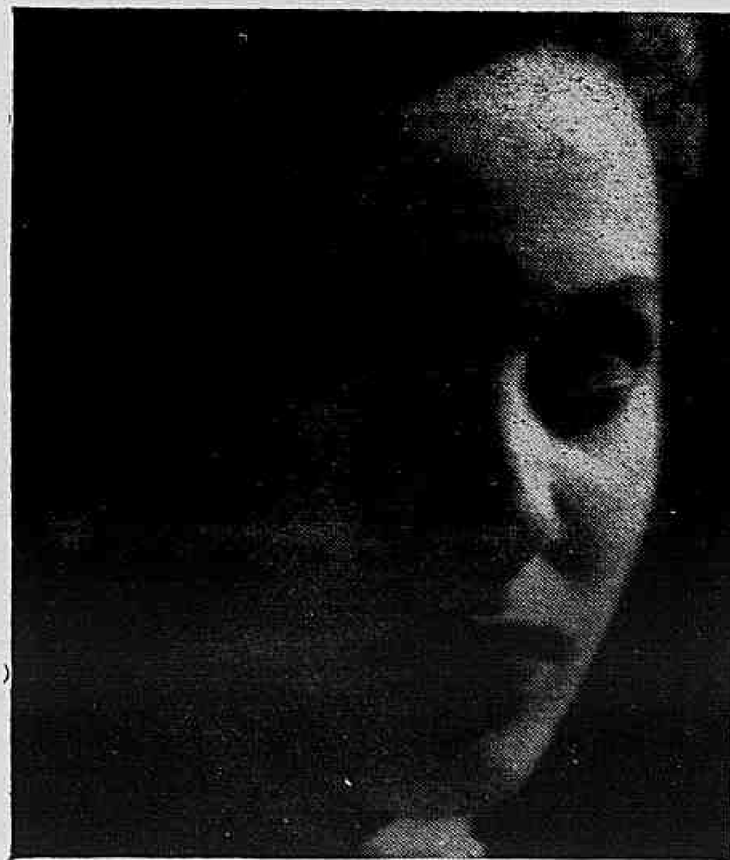
(*Cont. na pág.* 26)



UM CHAPÉU e um penteado «de morte»... — «Suzana e o Presidente»



VERA NUNES não dá sorte com chapéu... «Falta alguém no manicômio»...



A TELA envelhece as atrizes brasileiras. Cena com Mary Gonçalves

GRANADO C.O.

ÁGUA INGLÊSA GRANADO



Faz de você um forte!

TÔNICA-APERITIVA
NAS CONVALESCENÇAS

A MULHER QUE . . .

(Cont. da pág. 21)

leva-a para casa e resolve, para pôr à prova a dedicação de Amy, não a desiludir. Deixa a filha na ilusão de que ela vai confessar e pedir o perdão do espôso e então, confiando a história a Robert, insiste a que êle tome o papel de marido ultrajado, para o benefício de Amy e Cosme. As crianças ficam certas que terminou a tragédia e até o bebê já sorri nos braços da mãe. Tudo está bem e qual a canção da felicidade, paira no ar a voz de Alice, numa doce balada de ninar...

PARA VESTIR E . . .

(Cont. da pág. 25)

distância e o respeito por tão nobre animal...

Em outros trecos a linha é a mesma. Qualquer treco de estúdio, qualquer treco de cinema. Assim ou assado, prolixo ou explícito, o "foca" tem lá os seus dois dedos de razão: é preciso muito trabalho, menos *"snobismo"*, *menos exclusivismo,* limpeza com a gringalhada inútil — os gringos úteis podem ficar —, portas abertas aos que desejam penetrar sèriamente nos mistérios da carochinha dos nossos estúdios e da produção cinematográfica em geral — naturalmente pagando salários aos jovens estudantes, que ninguém é trouxa, pato ou cuco para enfrentar o batente a néris de gaitolina — e vamos tocar pr'o pau, como diria o Grande Velho. Vamos tocar, macacada. Um dia o cinema brasileiro será algo de que nos orgulharemos. Tem de ser. Há de ser. Será, será, será!! Vamos estudar, negrada, pintar melhor nossas cabrochas e nossas arianas oxigenê, vestir melhor os nossos caboclos almofadinhas, pentear os nossos descabelados. E, sobretudo, amôres meus, ensinar-lhes a falar, pelo menos, para que não pareçam piores na tela do que o são na vida real. O "foca" ainda tem razão hoje: amanhã êle perde. Vamos tomar vergonha? Em último caso, suco de frutas...

ÍDOLOS DE . . .

(Cont. da pág. 34)

Como vimos, oitenta nomes populares, nomes que brilharam em arte, e chamariz de bilheteria, nomes que deram rios de dinheiro para os produtores da época.

Quem da velha guarda não se lembra de "Macho e Fêmea", um filme onde dominaram Gloria Swanson, Thomas Meigham, Valace Reid, Bebe Daniels, Agnes Ayres, Lila Lee, etc. Quem não se recorda de "Porta do Paraíso", com Conrad Nagel, "Quatro Cavaleiros do Apocalipse", com Valentino, "Rei dos Reis", com H. B. Warner, "Corcunda de Notre Dame", com Lon Chaney, "Um Yankee na Côrte do Rei Arthur", com Will Rogers, "Espôsa e Amante", com Wilma Banky, "Alta Traição", com Emil Jannings, Florence Vidor, Neil Hamilton, Lewis Stone, "Ferreteada", com Sessue Hayakawa, "Pequeno Lord Flanteroy", com Mary Pickford (eu atravessaria uma lista enorme de sucessos dêstes astros que citei, e que está merecendo refilmagens, já que a falta de argumentos é uma coisa vista). Hoje temos Lana Turner, Van Johnson, Red Skelton, Bety Grable, astros que passarão sem deixar lembrança dos fãs.

O cinema antigo legou ao moderno duas grandes glórias, Charles Chaplin e a fama inacabável de Rodolfo Valentino. No mais são notas apressadas de quem não se dá ao trabalho de pesquisar.

Pierre FRESNAY
A ÚLTIMA criação DE
Simone VALÈRE
Sua Última Missão
(BARRY)
F F F FRANCE FILMES DO BRASIL SÍMBOLO DE QUALIDADE
PRÊMIO "VICTOIRE" DO CINEMA FRANCÊS
AC. COMPL. NAC.
2ª Feira
IMPÉRIO FONE 22.9348
MIRAMAR • LEBLON •
AZTECA • CATETE, 228 •
MARACANÃ FONE: 48.1910
ICARAÍ FONE 3346
A PARTIR DE 7
AVENIDA FONE: 48.1667
ROSÁRIO • RAMOS •

GRANDE "ENQUÊTE" DE A CENA

EM COLABORAÇÃO COM AS RÁDIOS CLUBE E CONTINENTAL

QUAIS OS MELHORES DO CINEMA NACIONAL EM 1951?

CONTINUA movimentando a atenção dos fãs o grande certame que instituímos em combinação com a Emissora Continental e Rádio Clube do Brasil, para a eleição dos "Melhores do Cinema Brasileiro em 1951".

Centenas de votos encontram-se, já, em poder da comissão apuradora, que espera, na próxima semana, apresentar os primeiros resultados do sensacional concurso.

Empenhados em ver vitorioso os artistas de sua preferência, os eleitores estão, do mesmo modo, a concorrer aos prêmios que são oferecidos aos votantes da nossa "enquête", uma razão a mais a justificar o grande interêsse registrado.

INSTRUÇÕES PARA OS VOTANTES

1. O "Voto" ao lado deverá ser preenchido em letra bem legível.
2. Compreende-se por "ator" e "atriz" as figuras que tiveram papéis PRINCIPAIS nos filmes exibidos.
3. Não é necessário indicar o nome da fita em que tenham trabalhado; basta citar o nome do astro e da estrêla.
4. Não serão aceitos votos que não vierem acompanhados do respectivo "COUPON".
5. Os coupões devem ser rigorosamente preenchidos, sem o que não serão tomados em consideração.
6. Cada leitor terá direito, exclusivamente, a UM VOTO.
7. As fitas que tomarão parte neste certame são as que foram lançadas no decorrer de 1951 no Rio de Janeiro, cuja lista fornecemos abaixo.
8. Êste concurso será encerrado a 29 de fevereiro, não se computando os votos que chegarem depois dessa data.

FILMES QUE CONCORREM

(Lançados em 51 no Rio)

- ★ CASCALHO
- ★ MAIOR QUE O ÓDIO
- ★ AVISO AOS NAVEGANTES
- ★ TERRA SEMPRE TERRA
- ★ CORAÇÃO MATERNO
- ★ ANJO DO LÔDO
- ★ O MEU DIA CHEGARÁ
- ★ TOCAIA
- ★ HÓSPEDE DE UMA NOITE
- ★ SUSANA E O PRESIDENTE
- ★ MILAGRE DE AMOR
- ★ O COMPRADOR DE FAZENDAS
- ★ MARIA DA PRAIA
- ★ AÍ VEM O BARÃO
- ★ PRESENÇA DE ANITA
- ★ GARÔTA MINEIRA
- ★ FALSO DETETIVE

CORRESPONDÊNCIA:

Os votos devem ser remetidos para:
"QUAIS OS MELHORES DO CINEMA BRASILEIRO"
Redação de A CENA
Rua Visconde de Maranguape, n.º 15
Rio de Janeiro.

PRÊMIOS PARA OS VENCEDORES

a) Serão conferidas estatuetas simbólicas, especialmente confeccionadas aos vencedores do certame.

b) Será realizada uma solenidade, em dia hora e local que serão oportunamente anunciados, com a presença das celebridades do Cinema Brasileiro, quando, então, será feita a entrega dos prêmios.

PRÊMIOS PARA OS LEITORES

a) Cada leitor que enviar o seu "voto", terá direito a receber uma fotografia autografada, do astro e da estrêla eleitos (desde que o seu voto haja contribuido torná-los vencedores).

b) Serão sorteadas seis assinaturas anuais de A CENA entre TODOS os votantes, sorteio êsse que será realizado na solenidade da entrega das estatuetas.

VOTO

MELHOR FILME:

....

MELHOR ATOR:

....

MELHOR ATRIZ:

....

MELHOR DIRETOR:

....

COUPON:

Nome ....

Pseudônimo (não é obrigatório) ....

Rua ....

Cidade .... Estado ....

Assinatura (indispensável) ....

....



1 A modesta casa de subúrbio do velho casal — Brandão (Armando Braga) e Alzira (Judith Vargas) — está vivendo um dia diferente, abalada em sua tranqüilidade: é que a filha adotiva do casal — Lídia (Beyla Genauer) vai ser apresentada à futura sogra, uma senhora muito rica, que vive em palacete de bairro grã-fino. Brandão está apreensivo com a diferença de nível social entre os namorados: Ela, uma mocinha preparada mas tão pobre... êle, filho de gente diferente que não bebe vinho no copo da água, e que usa um talher para cada prato... Será que dá certo?

TEATRO

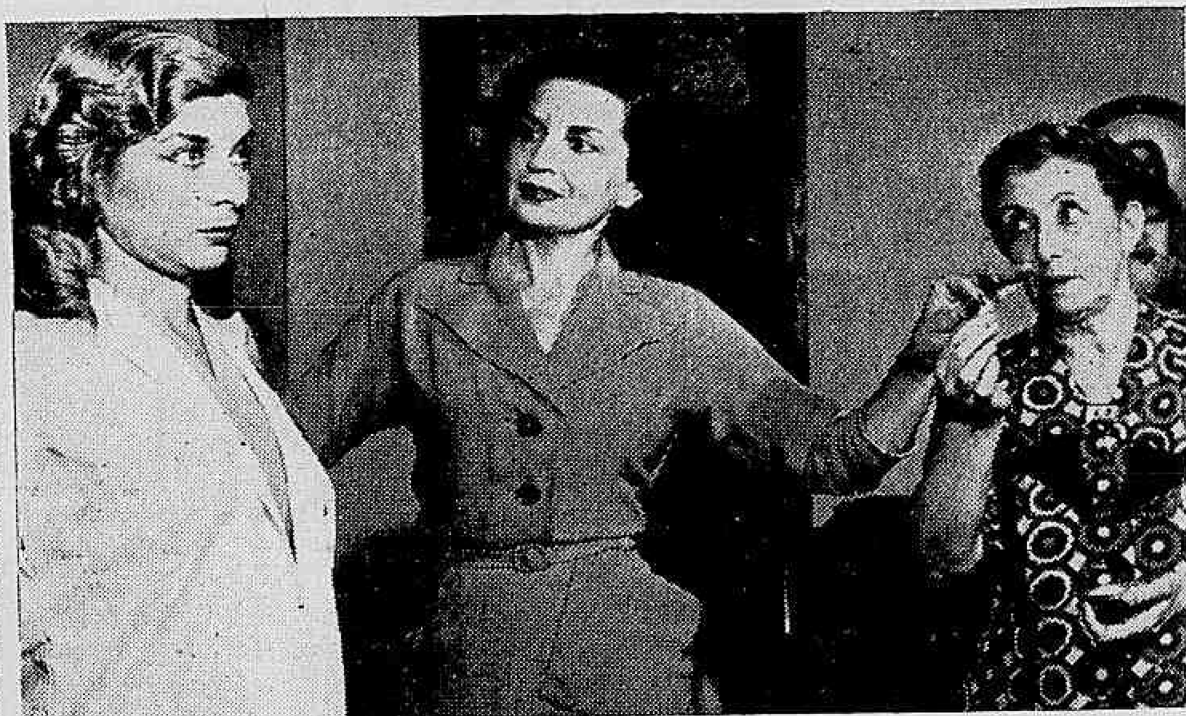
UM CRAVO NA LAPELA

(De PEDRO BLOCH)

PEDRO Bloch está já há três meses no cartaz do Teatro Copacabana com êste seu original — "Um Cravo na Lapela". Consagrado como "o melhor autor do ano", Bloch consagra-se também como o autor de maior prestígio junto ao público teatral. Estão ainda bem vivos os triunfos de "As Mãos de Eurídice", "Irene" e já "Um Cravo na Lapela" segue-lhes a trilha conquistando um número de representações inédito no elegante teatro da zona sul. Para tal sucesso contribuem, naturalmente, a magnífica encenação e a magistral interpretação d' "Os Artistas Unidos", êste prestigioso conjunto à cuja frente se encontra Henriette Morineau. Do elenco de "Um Cravo na Lapela" participam, além dessa atriz, Jardel Filho, Beyla Genauer, Laura Suarez, Armando Braga, Judith Vargas, Oscar Felipe e Sara Dartus.



2 A costureira, D. Alcina, vem provar um casaquinho, encomenda de Lídia. Como fala essa D. Alcina! As moças, as senhoras, os maridos do bairro fazem fila sob o chicote de sua língua mexeriqueira. D. Alcina sabe os "podres" de todos: para ela não há moça séria, senhora honesta, marido que não tenha amantes. Era por causa de tanta imoralidade no mundo que ela, "tomando Deus por testemunha", já havia jurado que se manteria pura, que não se casaria jamais...



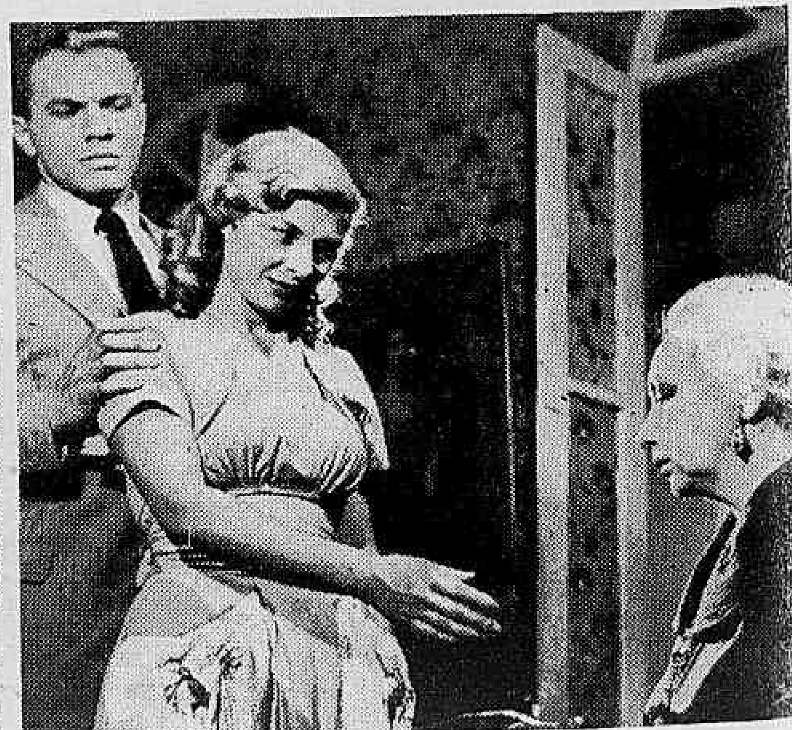
3 Lídia aguarda a chegada de Valdo (Jardel Filho), o futuro noivo. Com os nervos tensos, ouve os comentários de Alzira sôbre os prováveis gostos da que vai ser sua sogra."Seria bom levar flores? Quem sabe se a mãe de Valdo não gostaria mais de um bôlo?" Mas a moça quase não a escuta. Uma idéia lhe machuca o cérebro: "Será que a mãe de Valdo vai gostar de mim? E' preciso que ela goste de mim. E' preciso..." A imaginação de Lídia "vê" então aparecer na parede da sala uma sogra de pesadelo, uma velha que lhe grita coisas tremendas...



4 O dia na casa do velho Brandão, tão calma, é hoje diferente. Tudo acontece. Tasso (Oscar Felipe), um aviador, ex-namorado de Lídia, ao saber do noivado dela, invade a casa e faz violenta cena de ciúme. Quem mais sofre com isso é Neli (Sara Dartus), amiguinha de Lídia e que tem por Tasso um amor não correspondido. Ela, Neli, consegue acalmá-lo e levá-lo para fora.



5 Uma hora após êsses incidentes, no rico "living-room" do palacete de Matilde (Henriette Morineau), Valdo tenta persuadir sua orgulosa mãe a receber Lídia, que espera na varanda. Mas a severa senhora é irredutível. O filho perde tempo porque ela jamais receberá qualquer moça que tenha a pretensão de se tornar sua nora. Não é Lídia a primeira...



6 Mas Valdo decide-se e vai buscar a moça. Lídia fica apavorada com a recepção da futura sogra, que nem sequer estende a mão para cumprimentá-la. Tudo faz para obter de Matilde uma palavra, um olhar mesmo. Glacial, a mãe de Valdo deixa-a falar e só a interrompe para cortar-lhe a esperança: "Menina, se você pensa casar com meu filho, está completamente louca!"





7 Segue-se uma cena de grande vigor dramático. Chamados às pressas, Brandão e Alzira comparacem à casa de Matilde e aí são postos a par de terríveis segredos existentes entre a mãe e o filho. As acusações de ambos são tremendas. Uma bofetada resoluta de Matilde no filho põe fim à discussão. As opiniões dividem-se: — "Esta mãe será o monstro de egoísmo que o filho aponta?" — "Será êsse filho o canalha que a mãe implacàvelmente descobre para Lídia e os velhos?"

8 Um ano se passa e vamos encontrar Lídia e Valdo casados, residindo no palacete de Matilde. Lídia recebe a visita de sua antiga amiga Neli que, muito feliz, pois já realizou o seu acalentado sonho: — casou-se com Tasso, que agora não mais está na Aeronáutica, pois, em conseqüência de uma doença do coração, fôra proibido de voar. Mas quanta felicidade irradia êsse casalzinho modesto!





9 Aparece também a antiga costureira Alcina. Esta vem para farejar novidades. Está elegantíssima, com casa de modas no centro da cidade, fazendo viagens a Paris e a Buenos Aires. Aproveitando o câmbio... Não se casou ainda e continua a mesma criatura maledicente. Em dez minutos de visita conta a Lídia que Valdo tem amantes, freqüenta "aquêle edifício suspeito do pôsto 4" e faz grandes escândalos nas boites.

10 Valdo chega. Lídia tem uma grande notícia para êle. Uma notícia que o deixará transbordando de alegria. Por que toldar êste contentamento com as coisas mesquinhas e baixas que Alcina talvez inventasse? Não. Algumas vêzes é mais sábio fingir ignorar... Hoje, ela quer apenas fazê-lo feliz, imensamente feliz... E, no sofá, com a cabeça inclinada sôbre o ombro do marido, Lídia lhe diz que...





11 E' absolutamente inesperada a reação de Valdo à grande notícia. Êle só vê propósitos absurdos, intenções ambíguas, na pureza dos sentimentos de Lídia que, profundamente decepcionada, sem defesa, perdida, encontra, afinal, apoio decidido na sogra, que a compreende e ampara.

12 Aquela sogra terrível, que tão mal a recebera há um ano atrás é hoje a sua melhor amiga. As duas unem-se para a conquista de Valdo. Uma terceira personagem aparecerá e, sem dúvida, conseguirá tudo aquilo que elas não conseguiram. Apesar de fraca, insignificante, terá aquêle prestígio que tudo obtém, só com uma palavra: "Papaizinho!"

COMPLEXO DE INVEJA

(Cont. da pág. 22)

Fá-lo, porém, sob uma ação inconsciente. Um instinto atingido pela inibição inconsciente não é mais percebido como tal.

As recordações e representações que se ligam ao instinto inibido ficam no inconsciente. E' uma renovação.

GENY — Se é inconsciente por que teria eu que sofrer isto, na opinião do doutor?

MÉDICO — Os instintos removidos fazem pressão sôbre a consciência, porque, reapercebido continuamente de carga psíquica tendem a transpor o limiar da consciência para encontrar um desafôgo. A manutenção requer um contínuo dispêndio de energia psíquica, a que as resistências provém.

Geny está visivelmente perturbada chorando fàcilmente o que antes ela mesma não admitia. "Era uma mulher normal, despida de trejeitos". (Dizia com desdém quando suas amigas se admiravam pelo fato de a não a verem chorar, nunca). Demonstra um inetrêsse desusado pela filhinha, preocupando-se pelo estado de sua saúde.

GENY — A Mojorie está precisando de férias. Acho-a mais magra e menos alegre. Talvez seja excesso de trabalho no colégio. O regime escolar brasileiro é perigoso à saúde das crianças.

Majorie, com 7 anos, fala três línguas e o faz sem esfôrço. Não aprendeu, porém, no colégio. Geny lhe dava professôra de inglês, de francês e falava com ela sua língua materna.

Um dia, durante o exame, perguntou-me se D. Eve estava em bom estado de saúde...

Geny tem vindo ao consultório com freqüência, mesmo sem marcar hora para consulta. Está sensivelmente preocupada . Repetidamente pergunta pelo estado de saúde de D. Eve, que sabe estar adoentada.

GENY — Doutor, diga-me, afinal, o que existe comigo?

MÉDICO — Você tem um encontro marcado...

GENY — Com quem?

MÉDICO — Com você mesma.

GENY — (Irônica) — Então já está realizado.

MÉDICO — Antes de se realizar há paradas obrigatórias.

GENY — Parar é mais fácil do que andar.

MÉDICO — Uma delas é em casa de D. Eve.

GENY — ? !

MÉDICO — Tem mêdo?

GENY — Não tenho vontade.

MÉDICO — Mas é indispensável fazê-lo.

GENY — Não consigo atinar com o seu plano. Eu e minha... D. Eve não nos vemos há sete anos e ntão temos vontade de fazê-lo. Tanto mais que não há uma razão plausível...

MÉDICO — Há uma razão. O encontro que lhe proponho far-lhe-á sentir essa razão.

GENY — Está bem. Quando vai ser?

MÉDICO — Hoje.

GENY — (Com estupefação) — Hoje, e ela sabe?

MÉDICO — Não.

GENY — (Suspirando) Então vai ser difícil. D. Eve tem uma vida social intensa: Pif-Paf, Buraco, Coquetel...

MÉDICO — Não importa. Você está disposta a ir?

GENY — Estou às suas ordens.

Às 21 horas fomos, minha enfermeira e eu, à casa de Geny. Ela já estava à nossa espera. Aprontara-se como se fora uma festa. A noite estava fria. Nossa observada trajava um costume marinho e protegia o pescoço com um cachecol grena de lã muito fina. Penteara-se muito bem e estava igualmente bem maquilada.

GENY — (apontando a enfermeira) — Guarda costas?

MÉDICO — Estamos vindo da casa de saúde. Opõe-se a que nos acompanhe?

GENY — (procurando esconder o nervosismo) — Ao contrário: platéia para o show.

Durante o percurso Geny continuou fazendo blagues. E' uma jovem inteligente e espirituosa. Fêz-nos algumas perguntas em inglês, antes, perguntando à enfermeira se compreendia a língua de Bernad e desculpando-se por não estar falando o português que, diz, não fala muito bem.

GENY — Não prefere mudar de rumo?

MÉDICO — Não costumo mudar o rumo das minhas intenções.

O apartamento de D. Eve tem uma varanda espaçosa, ao lado do living. Enquanto esperávamos a dona da casa a nossa analisada ficou na varanda, permanecendo alí por alguns minutos. Percebemos que chorava. Dona Eve aparece e fica meio surpreendida em ver que estavamos com a enfermeira, já sua conhecida. Após os cumprimentos fomos buscar Geny. As duas, mãe e filha, defrontaram-se em silêncio. D. Eve toma a iniciativa: dirige-se à filha e abraça-a, sendo correspondida. Abraçam-se e choram. Interrompemos a cena e pusemo-nos a conversar os quatros sôbre assuntos absolutamente alheios. Depressa as duas estavam à vontade.

No dia imediato Geny veio ao consultório e admitiu o complexo que a perseguira desde a infância: sentia inveja pela beleza física de sua mãe. Hoje ela, Geny é bem mais bonita que D. Eve, cujos 50 anos lhe dão um aspecto respeitável e singelo.

Geny está curada. Mãe e filha são amigas e vivem bem.

F I M.

CORRESPONDENCIA

Jorge Sá — A riqueza não constitui felicidade para ninguém. Se você abandonar os estudos terá que se arrepender mais tarde.

Roberto K. — D. F. — A pressa em seu caso, como em outros, é sempre prejudicial.

Dóra Aguiar — Não se precipite. Passe no meu consultório: Rua Senador Dantas 76 — 4º andar.

Péricles — R. G. S. — Muito bem. Deve-o à psicanálise.

Maria Evelina — Goiaz — Aguarde muito breve.

Geraldo e Jorge Figueredo — Belo Horizonte — Não é possível.

Mário — D. F. — Seu caso parece depender de algo que lhe sucedeu na infância. Necessito de melhores informes.

Leila — Antônio S. B. — "Coração Despedaçado" — S. Paulo — Não basta apenas o coupon. E' necessario que me envie um pequeno relatório.

Afonso Costa — Sta. Catarina — Coragem. Siga os meus conselhos.

César Vasconcellos — Venha ao meu consultório: Rua Senador Dantas 76 — 4º andar.

"Paulistano" — S. Paulo — Você tem mente normal.

Marisa — Bahia — Não escreva o que pretende. A viagem lhe fará bem.



CARTAS PARA ESTA SEÇÃO

Todos os relatórios destinados à esta seção deverão ser endereçados para: Dr. LUÍS FRAGA — Redação de A CENA — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Seção "Problemas Humanos" — Rio de Janeiro.

COUPON

Nome ....

Pseudônimo ....

Data de Nascimento ....

Estado civil ....

Profissão ....

Residência ....

KATY JURADO...

(Cont. da pág. 32)

"Muito boa. Estamos produzindo uma média de 125 filmes ao ano, o que satisfaz em parte o mercado interno. Entretanto, a concorrência dos filmes americanos, italianos, franceses é ainda notória, isto sem falar das produções argentinas que agora não são exibidas no México".

— Interessou-nos o fato de que os filmes platinos não são mais exibidos no país azteca, e despertou ainda mais nossa curiosidade e mesmo espanto porquanto estamos a par — tim-tim por tim-tim — do acôrdo firmado entre a Argentina e o México para a liberdade de exibição de seus respectivos filmes. Por isso foi que inquirimos de Katy um maior esclarecimento.

"Dentro das normas do acôrdo entre meu país e a Argentina o diretor Luis César Amadori (Deus lhe Pague) e a atriz Zully Moreno, sua espôsa, foram para o México onde fizeram dois filmes. Tinha-se ficado acertado que Emilio Fernandez e Figueroa iriam para Buenos Aires fazer duas fitas — ao inverso do que tinha-se verificado com aquêle diretor e atriz argentinos. Pois estando na véspera de seu embarque para a capital argentina, foi vedada a sua entrada no mesmo. Como agravante a Argentina fazia já muito tempo que tinha quebrado seu compromisso na exibição de fitas".

Indagamos de Katy Jurado por que até ao momento o grande fotógrafo Gabriel Figueroa ainda não tinha sido tentado por Hollywood. E foi, com grande surprêsa para nós, que a estrêla mexicana nos declarou:

"Tanto Gabriel Figueroa como o compositor Diaz Conde, que aliás é refugiado politico espanhol no México, foram contratados por um estúdio de Hollywood para fixarem-se nos Estados Unidos. Porém as autoridades americanas não os deixaram atravessar a fronteira por serem comunistas. O compositor Diaz Conde — premiado pela música de "Malquerida" — tinha sido contratado por John Wayne para escrever a partitura de "Paixão de Toureiro", mas, pelo mesmo motivo politico, os magnatas de Hollywood fizeram cancelar êsse compromisso".

— Que nos conta do êxito dos artistas brasileiros no México?

"A maior glória cabe ao conjunto "Os Anjos do Inferno" que muito fizeram pela divulgação de vossa música no meu país. Leonora Amar não tem quase cartaz, como se propaga por aí. E' apenas conhecida das boites. O que tem é muita facilidade para fazer amizades..."

— Como Katy Jurado é mexicana seria interessante colher sua impressão sôbre a atriz azteca mais conhecida e que realmente impôs o cinema mexicano no mundo: Maria Felix.

"Para mim Maria Felix é uma bela mulher, porém muito fraca como artista. Maria, sofre de um complexo de inferioridade. De uma inferioridade intelectual. Daí seu terror por entrevistas".

Neste ponto discordamos de Katy. Maria Felix, embora não possua grandes conhecimentos é dona de um raro poder de observação e experiência da vida que muito a recomenda para responder qualquer pergunta.

AS 8 VÍTIMAS

(Cont. do número anterior)

— Se quereis, Louis, daremos outra volta depois de comer.

— Com muito gosto... Oh, perdi, minha caixa de tabaco.

Naturalmente caiu lá embaixo. Vou buscá-la. Já vos alcançarei — inventa o rapaz.

E retrocedendo a tôda carreira vai armar uma armadilha para Sua Graça o duque de Chalfont... Duas horas mais tarde manobrando com arte diabólica, conduz o confiante ancião para perto de um grande buraco. Repentinamente pára e acusa:

— Alí está alguém... Vi um galho mexer-se.

— Outro ladrão... Vem — grita Ethelred.

E pronto. O nobre cai na armadilha.

— Maldição... Louis, tire-me daqui... grita.

Louis tira a espinguarda e a carrega.

— Ficaste louco, homem — volta a Chalfont ao ver o gesto.

— Direi que ao cair no buraco caiu o fuzil de vossas mãos e disparou acidentalmente — explica o assassino com uma inaudita calma.

E aperta o gatilho.

Capítulo XIX

Lord Ayscone, é nobre duque de Chalfont sòmente por alguns minutos... Morre ao ouvir o trágico fim de seu continuador e é Louis D'Ayscone Mazzini quem sucede a ambos. Antes de por-se a coroa dos sete florões em ato público e solene, o monstruoso assassino casa-se com Edith D'Ayscone a fim de fazê-la participante de sua glória.

A cerimônia chega ao seu fim. O décimo duque de Chalfont e a duquesa descem do estrado no qual foram reconhecidos e passam entre duas filas de arrendatários que um mordomo anuncia um por um. Repentinamente, um estranho homenzinho destaca-se do grupo e diz:

— Burgony, Vossa Graça... de Scotland Yard...

— Scotland Yard?

— Exatamente, Vossa Graça...

— Siga-me — ordena-lhe Louis.

O inspector Burgony obedece e uma vez no despacho ducal, explica:

— Vossa Graça, tenho ordem de prisão contra vós por homicídio.

— Homicidio?

— Por homicídio executado na pessoa de Mr. Lionel Holland no dia 17 de outubro próximo passado, na casa sita à rua Connaught Suaqre, Bayswater.

Louis, autor de seis mortes; é encarcerado por um crime que não cometera. A simples verdade é que Lionel Holland suicidou-se no dia em que Louis, depois de rogar-lhe sua ajuda financeira, castigou-o duramente para vingar a memória de seus pais... Foi Sibella quem, ao voltar doida de ciúmes da casa do amante infiel, encontrou o cadaver de seu marido e a carta **de despedida que êste lhe escreveu** antes **de matar-se**. Louis, em virtude de sua alta posição comparece ante a câmara dos lordes, constituida em alta côrte da justiça penal.

— Louis d'Ayscone Mazzini, duque de Chalfont, estais ante vossos pares de Inglaterra para responder a acusação de homicídio que pesa sôbre vós. Declara-se Vossa Graça culpado ou inocente? — interroga um juiz.

— Inocente.

— Porém as evidências que a chorona Sibella acumula contra êle são de tal órdem, que de nada lhe vale a Louis sua hábil defesa... E assim, quando o Lord High Steward expõe aos pares a questão decisiva, um por um se levanta e colocando a mão direita sôbre o peito declaram:

— Culpado, o declaro sôbre minha honra.

Capítulo XX

Acaba aqui a fantástica e trágica história da vida de Louis d'Ayscone Mazzini, décimo duque de Chalfont, contada por êle mesmo na véspera de sua execução. Voltemos a cela do condenado na prisão de Fonteville... Às dez para as oito abre-se a porta e apresenta-se o alcaide acompanhado de um carrasco.

— Já? — pergunta Louis imperturbável.

— Já, Vossa Graça... Se tens posteriores instruções que dar-me...

— Creio, coronel, que sòmente falta-me agradecer-vos vossas muitas atenções para comigo... Vais apresentar-me vosso companheiro?

— Mr. Elliot. Sua Graça o duque de Chalfont — obedece o Alcaide.

— Bons dias, Vossa Graça — pronuncia Elliot avançando um pouco. Primeiro, se me permite, vou ler um poema que compus para esta melancólia ocasião.

— Tem minha permissão.

O verdugo, emocionado, assoa o nariz, desenrola um papel e declama:

> Que Vossa Graça reflexione
> Enquanto ainda lhe fica um mor-
> [tal alento
> Apesar de pequeno
> O trecho do berço à cova
> Apesar de larga
> A morada
> Que a eternidade depara...

Neste momento um guarda irrompe como um vendaval gritando:

— Um milagre... A justiça descobriu uma carta escrita por Lionel Holland despendindo-se da vida.

— Em verdade, um milagre, — comenta Louis.

— Enquanto esperamos a ordem formal que há de pô-lo em liberdade, abrindo a Vossa Graça a comodidade de mau despacho — sugere o coronel.

Louis concorda e voltando-se para o homem que ia enforcá-lo com o laço de sêda reservado aos personagens de alta posição, lhe diz muito cortês:

— Lhe desejo muito bom dia, Mr.

Meia hora mais tarde o alcaide anuncia-lhe que as portas da prisão estão abertas para dar-lhe passagem e acrescenta que um numeroso público, além de Edith d'Ayscone e Sibela Holand, espera la fora com o propósito de vitoriar sua liberdade...

Louis sai de Fonteville. Vê sua espôsa sentada num carro; dirige-lhe um sorriso, agradece a ovação que a gente lhe tributa e... se lhe aproxima um homem...

(Cont. no próximo número)

NOTÍCIAS DE PORTUGAL

(Cont. da pág. 15)

ramo mais forte a poesia lírica, cantando amôres e paisagens, evocando estados de alma e em especial a "saudade", palavra que exprime, só por si, todo o lirismo do povo que a criou e, mais que isso, cristaliza num só sentimento perfeitamente diferenciado a gama diversíssima das sensações de nostalgia, de evocação, do prazer de recordar, da dor de ausência, da renúncia e de consolação espiritual.

★

Esta constante poética e lírica — que pela lição da história e da literatura se pode afirmar no temperamento português — não podia deixar de aflorar nos trabalhos do cinema da mesma origem

E, na realidade, assim aconteceu. Para só falarmos na produção sonora, mais corporizada e definida, duas peliculas se podem considerar essencialmente líricas: "A Canção da Terra", de Jorge Brum do Canto e "Aniki-Bóbó", de Manuel de Oliveira. (Cont. no próx. núm.)

Problemas Humanos à Luz da Psicanálise



Dr. Luiz Fraga

O Professor LUÍS FRAGA, conhecido psicanalista patrício foi honrado pela PANAMERICAN PSICHOLOGY ASSOCIATION, de Nova Iorque, com um convite para tomar parte no curso anual de conferências daquela conhecida entidade, onde dará um curso sôbre Psicologia dos povos latinos-americanos.

O dr. Luís Fraga vem colaborando conosco desde o ano passado, dirigindo uma secção em "A CENA", sob o título "PROBLEMAS HUMANOS Á LUZ DA PSICANÁLISE", com ótimos resultados. Por isso resolvemos publicá-la, a partir do próximo número, na REVISTA DA SEMANA, mais indicada para o assunto.

Com a viagem do dr. Fraga não será interrompida a sua colaboração, de vez que lhe será remetida de avião tôda correspondência.

Os interessados poderão enviar um relatório, de preferência datilografado, em duas páginas, no máximo, dizendo o problema que o aflige, juntando o "coupon" que se encontra abaixo, se possível, com fotografia.

COUPON

NOME ....

IDADE ....

RESIDÊNCIA ....

TELEFONE ....

PSEUDÔNIMO ....

Correspondência para

Dr. LUÍS FRAGA

Redação da REVISTA DA SEMANA

Rua Maranguape, 15 — Rio.

A ETERNA PRISIONEIRA

(Cont. da pág. 19)

Maria Felix". E' sem dúvida a mais completa entrevista que a meu respeito foi publicada".

Nesta altura o repórter aproveita a "deixa" para oferecer a intérprete de "Enamorada" uma coleção encadernada dos nove números de "A Cena" que insere sua vida.

Como se não fôssem poucas as interrupções do senhor Juan José Guthman, que a tôda hora entrava no aposento, perguntando se Maria desejava algo, o garçon trouxe-nos dois copos de suco de

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volu-volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado modernissimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Aquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. - Rua da Carioca, 33 - Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ......

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

limão. Maria, percebendo nosso incontido espanto, por êste brinde — aclarou-nos.

"Isso faz parte do meu regime de beleza. Nunca tomo álcool".

— Que nos conta de novo de sua vida sentimental?

"Francamente não sou bem sucedida na minha vida amorosa. Estou sinceramente enamorada de Rossano Brazzi e nem sempre posso vê-lo, pois Cesáreo Gonzales, meu empresário, intercepta todos nossos encontros. Não posso atinar com essa sua atitude a não ser que êle tenha algumas pretenções para comigo. Estou com saudades de Rossano e se Deus quiser quando voltar para a França, o que farei dentro de alguns meses, me casarei com êle, se fôr possível, é claro.

Tive na Itália alguns namoros, sem importância, para distrair, pois de quem eu gosto de verdade é do ator de "A coroa negra".

— Você vem de Madrid. Permaneceu muito tempo nesta sua recente estada na capital espanhola?

"Sòmente o tempo necessário para "doublar" para o castelhano "Olívia" que rodei em Roma em italiano, pois eu não falo nem uma palavra do idioma da terra de Garibaldi. Seu muito difícil para idiomas".

— Qual foi o último filme que interpretou?

"Messalina", com George Marchal. A cena final do Coliseu foi feita com quatro mil extras. Era impressionante. A decoração custou quatrocentos milhões de liras. Alguma coisa de grandioso.

— E na Argentina o que vai filmar?

"Primeiramente um romance de Anatole France, "Thais", que nos conta a história de uma cortesã egípcia que se converte para a religião católica. O diretor talvez seja Luís César Amadori que dirigiu "Deus lhe Pague" e o galã Alberto Closas. Depois, provàvelmente, filmarei "Maria Bonita", a conhecida canção de Agustin Lara".

— E de Agustin Lara tem tido notícias?

— Apenas me resta uma lembrança — disse num tom melancólico.

Neste interim o magnífico cachorro de Maria senta-se aos seus pés e esta acaricia-o.

Arriscamos uma pergunta indiscreta.

— Quem lhe ofertou êste lindo exemplar?

— Deus quisesse que eu o tivesse ganho. Custou-me a bagatela de três mil dólares.

Infelizmente não nos era mais possível estarmos com Maria. Ela, depois de uma manhã — agitada com amolações de Alfândega, público, etc., queria um descanso para poder assistir mais bem disposta ao coquetel que mais tarde lhe ofereceriam. Apertamos a mão da bela mexicana com a promessa de um novo encontro — um passeio de carro para ver as belezas panorâmicas do Rio. Dois dias mais tarde a artista, o repórter e o embaixador do México, sr. Antônio Villa-Lobos faziam uma peregrinação pelos recantos mais bonitos da cidade. Mais tarde comparecíamos a um coquetel que o embaixador ofertou a artista com a presença do corpo diplomático, gente da sociedade jornalistica, etc. Maria Felix apresentou-se belamente vestida, com um modêlo de Dior, e um lindo chapéu. As mulheres apinhavam-se à sua volta indagando de como poderiam tratar-se a pele, método de emagrecer e outras subtilezas do corpo feminino. Maria respondia a tôdas com sua proverbial amabilidade. Num instante o sr. Ministro das Relações Exteriores, João Neves da Fontoura, aproximou-se de Maria, dirigindo-se-lhe nestes têrmos:

— Senhora Maria, seus olhos não lhe causam danos?

— Que pergunta — exclama estupefacta a artista de "Enamorada".

— Pois julgava — respondeu sua excelência — pois êles estão me matando.

E assim Maria Felix ia despertando admirações por onde passava e a cada palavra que dirigia. Dona de uma personalidade invulgar coincidiu sua vocação com sua beleza. Seu trabalho é para ela um sacerdócio. Da sua voz cálida volta humana e reluzida a mensagem dolente e risonha das heroínas lendárias...

DE CANTOR DE RÁDIO . . .

(Cont. da pág. 12)

jamin Wright é um comentarista que não só conhece o esporte, como também o sente, pois já o praticou com destaque. Pedimos que posasse para umas fotografias, o que fêz prazeirosamente, e disse-nos pilheriando: «Depois disso estão convidados para o cafèzinho». Realmente logo após fomos para a sala de estar, onde saboreando o hoje precioso cafèzinho, prosseguimos conversando. Teve então oportunidade de informar-nos o Benjamin, de que é um dos elementos indicados pela Rádio Globo para efetuar, juntamente com Raul Brunini, a cobertura dos Jogos Olímpicos de Helsinki. Sorrindo, Benjamin acrescentou: «Esta será a concretização do meu ideal de desportista. Não compareci como atleta quando praticava o esporte, porém lá deverei ir para descrever os feitos de nossos patrícios».

Infelizmente não havia mais tempo para prosseguirmos em nossa entrevista. Benjamin Wright, além de suas atividades radiofônicas e jornalísticas, é antigo funcionário de conceituado estabelecimento de crédito de nossa capital, e assim sendo, tem seus minutos contados. Despedimo-nos de Benjamin certos de que havíamos apertado a mão de um desportista sincero, e conforme observamos, um homem que por intermédio do esporte, achou uma forma de servir sua pátria, elevando o padrão técnico do esporte, assimilando os conhecimentos e ensinamentos dos grandes mestres mundiais do esporte, para que o renome do Brasil se eleve cada vez mais no conceito desportivo das nações.

KATY JURADO . . .

(Cont. da pág. 23)

ficuldades, ter-me pedido para que eu intercedesse junto ao meu pai para realizar uma cotização com o propósito de financiar um seu filme. Posteriormente Fernandez indicou-me para entrar no cinema. Comecei em 1943 fazendo um papel na pelicula "No Matarás". No mesmo ano ganhei o "Ariel" (Oscar mexicano) pelo papel que fiz em "Pito Perez". Depois, John Wayne convidou-a para participar num filme por êle produzido — "Paixão de Toureiro", sendo que com esta atuação



foi-lhe possivel fazer um contrato na Republic. Seu tipo diferente chamou a atenção de Stanley Kramer — que diga-se de passagem é atualmente um dos produtores mais inteligentes de Hollywood — que confiou-lhe uma atuação ao lado de Gary Cooper, sob a direção do grande diretor Fred Zinemann.

— Tem trabalhado sòmente no cinema?

"Absolutamente. Fiz durante algum tempo teatro. Dois anos de drama e um de comédia. Aliás eu considero de vital importância que o ator de cinema tenha um estágio pelo palco. E' algo de inestimàvelmente proveitoso. Também atuei no rádio-teatro e fiz 16 filmes para a televisão".

— E sôbre a televisão no México. Em que pé está seu progresso?

"Possuimos duas excelentes estações televisoras porém seus programas são geralmente maus e os salários são muito pequenos. Os únicos programas aceitáveis são os que são retransmitidos ou os diretos. A televisão no México está ainda no periodo embrionário".

— Diga-nos Katy, em que situação encontra-se a produção mexicana?

(Cont. na pág. 30)

O QUE VIMOS NA TELA

COTAÇÕES

1 - Fraco; 2 - Regular; 3 - Bom; 4 - Muito bom; 5 - Ótimo

AMANHÃ É TARDE DEMAIS

(EM SESSÃO ESPECIAL)



Devemos aclarar que atualmente é o cinema italiano o que parece ter tomado maior contacto com a inquietude espiritual e moral da época. Se pudesse falar-se de um vanguardismo ideológico no que se refere ao cinema, êsse título deveriamos dá-lo ao cinema peninsular. Os fulgores de seu neo-realismo não é como muita gente pode crer e como já tem provocado confusões, o primordial objetivo de descrever a guerra e suas consequências, senão a urgente e digna necessidade de afrontar o problema humano mais palpitante e mais difícil na velha Europa. Suas produções máximas sôbre a guerra não são um expresso desejo, porém, sim, uma obrigação de consciência. Atualmente o cinema italiano deseja libertar-se da prisão dos problemas já passados e encarar com uma total liberdade de expressão os momentos psicológicos mais agudos da vida moderna. «Amanhã já é tarde demais» é um típico exemplo dessa dedicação à renovação de temas e a procura do íntimo secreto do homem em sua função direta com a época. O filme é audacioso. Está absolutamente dedicado à adolescência com os mais puros conceitos cinematográficos e a pintura de ambientes familiares possuem todo êsse tipismo e colorido que os terram num elemento necessário ao filme.

Leonide Moguy faz prodígios nessa exposição muito bem secundado pela música de Alessandro Cicognini que, a base de «scherzos», sugere com limpidez a ingênua fogosidade das brincadeiras infantis. Os detalhes e a sobriedade dos recursos usados para ilustrar sôbre a mentalidade dos garotos orienta e classifica sem deter jamais a ação, sem sujeitá-la nunca ao diálogo. Quando chegam a uma espécie de estúdio cinematográfico onde se trabalha em fotografias e vêm-se pendurados nas paredes «cartazes» de atores de cinema em atitudes càlidamente amorosas as observações e reflexões se sucedem sem interrupção, sendo tais a justeza do clima e a manifestação efetiva que a cena rèsulta impossível esquecê-la. O filme concentra um grande mérito ao estar roçando e talvez necessitando da pornografia sem nunca cair no vulgo, salvando tôdas as situações com limpeza, sem deixar de manifestar plenamente sua orientanção. A grande maestria desta primeira parte de «Amanhã já é tarde demais», radica precisamente nisso. Em descrever a intimidade do adolescente, que sente-se empurrado para suas primeiras necessidades sexuais, sem cair em cumplicidade, nem deter-se um só instante mais do que o preciso na manifestação exposta. A cena do garôto na cama, imaginando momentos lascivos, é mais estilizada do que vulgar, resultando cinematográficamente impecável. Entretanto, o filme tende a diluir-se. Os caracteres vão-se estilizando e a tesis que tinha sido exposta numa magnífica exposição de vila, vai-se concentrando nas argumentações. Ésse mesmo afan de Leonide Moguy de não contaminar-se excessivamente com um realismo comprometedor, desvia-o bastante de seus propósitos. Ao romance de Franco e Mirella se lhe procura tons imortais e o filme dedica a seu amor uma fase nìtidamente ilídica. Êsses dois garotos perdidos no bosque, cruelmente julgados e adornados de todos os tributos da pureza, aproximam-se ao público envolto em distinta roupagem e por caminhos diferentes. Se lhes cobre de uma auréola de martírio e sua tragédia deforma a livre expressão do problema. Os tons a seu redor se exacerbam e ficam no meio de uma polêmica que pretende fazer grandiloquência e conquistar a simpatia e adesão do público. Porém Franco e Mirella têm deixado de parecerem reais, arrastando com êles a desmesurada diretora (Gabriele Dorziat) e ao resto das crianças que já não formam um compacto quadro humano, senão um fundo de espectadores que se estremece com o trágico destino de dois heróis excessivamente glorificados. Também o público vê-se absorvido por êsse canduroso romance, enxugando as lágrimas que já não se devem à magnitude intrinseca do assunto, mas sim a inevitável simpatia que acarretam os belos protagonistas já evadidos de sua realidade e adornados com os clássicos atributos do romanticismo. A idéia fica de pé e a tese moral continua sendo forte pela sua audácia e originalidade, porém é inegável a debilidade que sofre êste digno filme nas suas cenas finais, confundindo-se com desenlaces próprios de obras de muito menor categoria. O elenco está sempre correto tendo a encabeçá-lo Vittorio de Sica. (INTERINO).

Cotação artística: 4 1/2 | **Cotação comercial: 3**



PIRATA DE JAMAICA

" L'HOMME DE LA JAMAIQUE "

PIERRE BRASSEUR
VERA NORMAN

DIREÇÃO DE MAURICE DE CANONGE



IMPROPRIO ATÉ 14 ANOS

ACOMPANHAM COMPLEMENTOS NACIONAIS

PALÁCIO — FONE 22.0838
RIAN — FONE 47.1144
LEBLON — FONE 27-7805
AMERICA — FONE 48 4519
IGUAÇU — FONE 43.9074
BOTAFOGO — FONE 26.2250

Hoje

A CENA Muda

SEMANÁRIO DE ARTE

Nº 9 ★ 28-2-52

Sumário

Diário de Punta del Este (Leon Eliachar) 3/8
Um novo astro — Fernando Lamas 9
Um grito de Angústia (enrêdo) 10/11
Benjamin Wright vai às Olimpiadas 12
Flashes Mundais 13/15
A Eterna Prisioneira (Alberto Conrado) 16/18
A mulher que não pecou (enrêdo) 20/21
As precoces (enrêdo) 23
Para vestir e embelezar o cinema brasileiro (Salvyano C. de Paiva) 24/25
Quais os melhores 27
Um cravo na Lapela (enrêdo) 28/29
Problemas Humanos (Dr. Luís Fraga) 30
Katy Jurado, um «pedaço» do México no Brasil (A.C.) 31
O que vimos na tela 33
Coluna do Fã 30

★

CAPA:
TERRY MOORE
(Foto Columbia)

EXPEDIENTE

Fundada em 1921 — Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA. — Diretor-presidente: Gratuliano Brito
Diretor-secretário: R. Peixoto de Alencar.
Endereço: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro — Brasil. Telefones: — Secretaria, 22-4447; Administração e Publicidade, 22-2550. Portaria, 22-5602. Endereço telegráfico: «Revista». Número avulso para todo o território brasileiro, Cr$ 3,00. Assinatura: Anual (52 números), Cr$ 150,00. Semestral (26 números), Cr$ 75,00. Registrada: Anual, Cr$ 180,00. Semestral, Cr$ 90,00. Estrangeiro: Anual, Cr$ 280,00; Semestral, Cr$ 140,00. Número atrasado, Cr$ 3,50. Agentes em tôdas as capitais e principais cidades do Brasil. Representantes: — Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West 44th Street, New York City, N.Y. Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º Distrito, Lisboa, Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Sucursal na Argentina: «Inter-Prensa». Florida, 229, Buenos Aires. Tôda correspondência deve ser enviada ao diretor-presidente.
Distribuição e Publicidade em São Paulo: Agência Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone· 34-1569.

Correspondentes em Hollywood:
THOMAS KEENE
VIOLET KINNEY
Correspondente em Paris:
JEAN DELMAR
Redator-chefe da Publicidade:
Severino Lopes Guimarães
IMPORTANTE:
O preço desta revista é de Cr$ 3,00 em todo o Brasil. Não é permitida a venda por quantia superior à marcada na capa.

"ÍDOLOS DE MATINÉES, IDOLOS DE SOIRÉES"

DURVAL FONSECA

A minha idéia inicial era combater o artigo do sr. Salvyano Cavalcanti, depois pensei que o homem devia ter suas razões quando disse que era difícil fazer um artigo com o nome dos favoritos das matinées do passado e do presente. Acho, entretanto, que tenho às suas mãos um arquivo tão precioso como o da Cena Muda. O sr. Salvyano Cavalcanti deveria ter sido mais consciente no seu artigo, poderia apenas ter um pouco mais de trabalho e publicaria, de fato, o que êle tencionava escrever.

Como fã de cinema há trinta anos, li aquilo tudo e discordei: escrever sôbre cinema antigo é muito difícil. Existem coisas que os arquivos não possuem; é preciso ter frequentado cinema, conhecer os filmes do passado, pequenos detalhes que os cronistas de hoje, rapazes jovens, não tiveram oportunidade de ver. Na maior parte os cronistas de agora conhecem apenas o cinema atual, e isto graças aos arquivos, pois não se dão ao trabalho, nem ao menos de procurar dados. E se pensam em falar do cinema antigo, citam alguns nomes famosos para ilustrarem o artigo, e os fãs de hoje «engolem» tudo, mas acontece que ainda existem bons cronistas e fãs renitentes do cinema mudo como eu.

E daí, poder citar com o auxilio apenas de uma má memória, nomes como Douglas Fairbanks (Pirata Negro), William Desmond (Cavaleiro das Sombras), Art Acord (Cavaleiro da Lua), Edie Polo (Moeda Quebrada), Francis Ford (Filha do Circo), George Bancroft (Docas de New York), Milton Silis (Tigre do Mal), William Farnum (Se eu fôra Rei), George Walsh (Brutalidade), Elmo Lincoln e Frank Merryl (Aventuras de Tarzan), Richard Arlen (Margens do Rio Peco), Buck Jones (Estouro da Boiada), Richard Talmadge (Pilôto Indomável), Tom Mix (Cavaleiro das Planícies), Cahrles Chaplin (Em busca de ouro), Frank Mayo (Cavaleiro da Justiça), Monte Blue (Punhos de Ferro), Jack Holt (Dirigível), Edmund Cobb (Lutador Implacável). Vinte nomes, vinte filmes de sucesso, nos seus tempos. Assim como cito êstes, citaria 40 ou 50 se quizesse ocupar maior espaço. Êstes eram ídolos das matinées dos meus tempos; a petizada meu amigo Salvyano, nunca deu «bola» aos românticos e as glamorosas daqueles tempos. A moçada que frequentava as matinées eram fãs de Antônio Moreno, Jack Mulhal, Joe Bonomo, Harry Carey, Jack Hoxie, Jack Perrin, etc.

Até mesmo para as damas, o público da matinée tinha preferência pelas mocinhas dos seriados. Aí temos uma lista de favoritas: Ruth Roland (Ruth das Montanhas), Pearl With (Perigos de Pauline), Marie Walcamp (Moeda Quebrada), Grace Cunard (Filha do Circo), Laura La Plante (A Volta ao Mundo), embora tivesse também preferência por Janet Gaynor (Sétimo Céu), Bebe Daniels (Monsieur Beaucaire), Mary Mac Laren, Anita Stewart, Clara Bow (Hula-Hula), Mary Pickford (Mulher Domada), Luise Lorraine (companheira habitual de Art Acord), Ruth Mix, Patsy Ruth Miller, Gilda Gray, Fay Wray, Lotie Pickford, Dorothy Mackail, Zazu Pits, Luise Fazenda.

Agora sr. Salvyano, para as soirées, tinha os nossos pais, tios, tias, os seus favoritos. E aí a lista é enorme: Rodolfo Valentino, Ronald Colman, John Gilbert, John Barrymore, Thomas Meighan, William Farnum, Douglas Fairbanks Sr., Emil Jannings, Lon Chaney Sr., Charle Ray, Max Linder, Valace Reid, Norman Kerry, Conrad Nagel, Charles Chaplin, Ramon Novarro, Low Stoner, Warner Baxter, Wilis Fritsche, Will Rogers.

No campo feminino teriamos então Glória Swanson, Bebe Daniels, Geraldine Farrar, Olga Baclanova, Olga Tescchova, Lilian Gish, Dorothy Gish, Norma Talmadge, Janet Gaynor, Mary Pickford, Laura La Plante, Agnes Ayres, Mabel Normand, Theda Bara, Nita Naldi, Greta Garbo, Wilma Banky, Francisca Bertini, Pola Negri, Clara Bow.

(Cont. na pág. 26)



COLEEN GRAY — STEPHEN MC NALLY (Universal-International)



ATENÇÃO!

Em diversas localidades do interior do país já se encontra esgotada a grande edição do

ALMANAQUE EU SEI TUDO

o maravilhoso livro dos mil assuntos, para 1952.

Entretanto, a Cia. Editôra Americana — Rua Visconde de Maranguape, 15, Rio — ainda dispõe de alguns exemplares que podem ser enviados aos interessados pelo reembôlso postal. Preço Cr$ 25,00 — um livro ilustrado com quase quatrocentas páginas, contendo calendários, informações sôbre o ano, um romance completo, contos, histórias, etc.